



Mídia e Política

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 03 | Christa Berger: “A cobertura da grande imprensa é escandalosamente tendenciosa”

PÁGINA 07 | Lílian Christofolotti: “Não houve quebra de ética jornalística no caso das fotos do dinheiro”

PÁGINA 10 | Nelson Traquina: Jornalismo como um espaço de luta política

PÁGINA 12 | Toni Vieira: A imprensa de talão de cheque

PÁGINA 14 | Ricardo Boechat: “Nossa imprensa é compatível com os padrões e valores da nossa sociedade”

PÁGINA 20 | Antonio Fausto Neto: As relações entre mídia e política no espaço público contemporâneo

PÁGINA 23 | Luis Nassif: Um festival de horror

B. Destaques da semana

» TERRA HABITÁVEL

PÁGINA 25 | Washington Novaes: “Não faz sentido o Brasil retomar a opção pela energia nuclear”

PÁGINA 29 | Pascal Acot: “Estamos consumindo a Terra”

» TEOLOGIA PÚBLICA

PÁGINA 31 | Walter Salles: O desafio da conquista da cidadania acadêmica da Teologia

» FILME DA SEMANA

PÁGINA 34 | Crônica de uma fuga

» DESTAQUES ONLINE

» FRASES DA SEMANA

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 39 | José Eduardo Gonçalves: E a vida continua...

PÁGINA 41 | Hilário Dick: Valores e inquietações da juventude

PÁGINA 44 | Sala de Leitura

PÁGINA 45 | IHU Repórter

Editorial

As eleições políticas deste ano novamente trouxeram à baila a discussão do tema da relação da mídia com a política. A sistemática oposição ao governo Lula de importantes setores da imprensa nacional, especialmente da revista *Veja*, e a divulgação das fotos do dinheiro que pagaria o “dossiê Vedoin”, trouxe à memória os fatos de 1982, quando a Rede Globo fez de tudo para impedir a eleição de Leonel Brizola, e de 1989, quando a mesma televisão editou o último debate antes do segundo turno entre Lula e Collor, claramente favorável a este.

O tema da relação mídia e política é debatido nesta edição da *IHU On-Line* por especialistas em comunicação, como a professora Christa Berger e o professor Antônio Fausto Neto, pesquisadores do PPGCOM da Unisinos, Nelson Traquina, professor catedrático de Jornalismo na Universidade Nova de Lisboa e presidente do Centro de Investigações Mídia e Jornalismo e Toni Vieira, professor na Unisinos. O tema também é discutido pela jornalista Lilian Christofolletti, do jornal *Folha de S. Paulo*, Ricardo Boechat, da Rede Bandeirantes e Luís Nassif. As *Notícias Diárias* da página ww.unisinos.br/ihu, atualizadas diariamente, acompanharam de perto o

debate destas últimas semanas que teve lugar, especialmente, na blogsfera.

“O jovem leopoldense (assim como o jovem em geral) vive três medos: o medo de morrer (violência), o medo de sobrar (desemprego) e o medo de estar desconectado (não estar na moda)”, constata Hilário Dick, pesquisador da Unisinos, em entrevista à *IHU On-Line*. Hilário Dick acaba de lançar nos *Cadernos IHU* no. 18, a pesquisa intitulada *Discursos à Beira dos Sinos. Emergência de novos valores na juventude: o caso de São Leopoldo*.

Nesta edição, abrimos uma nova editoria intitulada *Terra habitável*. Ela é inaugurada com a entrevista que o jornalista Washington Novaes concedeu às *Notícias Diárias* e com um artigo sobre o relatório do Fundo Mundial para a Natureza (WWF), divulgado na última semana e que o IHU repercutiu amplamente na sua página eletrônica.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente leitura!

“A cobertura da grande imprensa é escandalosamente tendenciosa”

ENTREVISTA COM CHRISTA BERGER

Christa Berger, jornalista, professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Unisinos concedeu uma entrevista por e-mail à IHU On-Line, falando sobre as relações entre mídia e política. Na opinião de Christa, “o que vimos, foi à disputa política (eleitoral e de classe) acontecendo através da cobertura jornalística como se fosse informação”. Pós-doutora pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), Espanha, e doutora em Ciências da Comunicação pela USP, com a tese Campos em Confronto: Jornalismo e Movimentos Sociais - As Relações entre o Movimento Sem Terra e a Zero Hora. É mestre em Ciência Política pela Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Berger é professora aposentada da UFRGS e professora do PPGCOM da Unisinos. Christa Berger é autora de Campos em confronto: a terra e o texto. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998, e uma das organizadoras do livro O Jornalismo no Cinema. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2001. Confira a entrevista concedida por ela na 172ª edição da revista IHU On-Line, de 20 de março de 2006.



IHU On-Line - Como se relacionam política e mídia?

Christa Berger - Política e mídia estão intrinsecamente relacionadas, pois ao jornalismo cabe a vigilância, através de suas coberturas, do conjunto da sociedade e, a política não pode dispensar os mediadores legitimados (jornais e jornalistas) de diálogo com os cidadãos. Diferentes abordagens da ciência política e do jornalismo trabalham esta relação, seja mediante o conceito de formação da opinião pública, de manipulação ou de midiaticização. O que temos observado é que a mídia vem ocupando um lugar de destaque na configuração das sociabilidades, que se reflete também na política. Os partidos e os políticos, percebendo o protagonismo da mídia, submetem-se à sua lógica, provocando profundas

transformações no seu modo de atuar e produzindo o que alguns autores denominam de “política da Idade Mídia”. O destaque que o marketing tem nas campanhas

eleitorais é apenas um exemplo da submissão da política à lógica midiática.

IHU On-Line - Como à senhora caracteriza a cobertura política dos jornais e TV nas eleições entre Lula e Alckmin?

Christa Berger - A cobertura da grande imprensa é escandalosamente tendenciosa - ela vem atuando como um partido que representa uma classe social - mas, com o poder de esconder esta condição ao afirmar-se neutra, imparcial e objetiva. Este é o poder perverso da

imprensa - agir em uma direção e argumentar convincentemente que está na direção contrária. A campanha política contra o governo Lula não começou com o processo eleitoral. Logo após a posse, que não podia não ser festiva, uma pergunta foi plantada pela mídia: será que Lula vai conseguir governar? Afinal ele não domina idiomas, tem pouco traquejo internacional e outros tantos argumentos relacionados à sua escolaridade baixa. A associação com a falta de escolaridade não teve sucesso, mas retorna toda vez que há expectativa de funcionar. No primeiro turno da eleição atual, o presidente voltou a ser chamado de analfabeto, houve correções de suas falas na imprensa e afirmações sobre como “a falta de escolaridade impede a pessoa de entrar em contato com a lógica” e tantos outros exemplos encontrados em diferentes seções e jornalistas. Com o mesmo objetivo. A aposta de desestabilização por este caminho segue não tendo sucesso.

Outro caminho foi tentado. Se a campanha do candidato em 2002 se orientou pelo slogan da esperança em oposição ao medo, e se foi a esperança de que um outro mundo é possível que o tornou vitorioso, ao governar é este capital que deverá ser desacreditado. É, neste sentido, que identifico na cobertura jornalística da atuação do governo Lula uma regularidade: dúvida, decepção e frustração anulam a esperança.

É verdade que o governo cometeu erros do ponto de vista de sua história e que cabe à imprensa informar, investigar e apontar criticamente os equívocos. O que se espera do jornalismo é a apresentação dos acontecimentos pela escuta de múltiplas fontes e da diferenciação do espaço da informação e da opinião. O que vimos, no entanto, foi a disputa política (eleitoral e de classe) acontecendo por meio da cobertura jornalística como se fosse informação. Se o capital simbólico da sociedade do conhecimento é a informação é nela que se faz o investimento político de despolitização.

Confusão na grande imprensa

O movimento da grande imprensa foi confundir problemas graves detectados no governo, (a questão da corrupção, da política econômica, das reformas de base não realizadas) com crise de governabilidade. Agora tinha chegado a hora de provar que Lula não tem condições de governar - ele está mal-assessorado, não sabe escolher seus auxiliares. A crise foi construída, enquadrada, produzida por interesses políticos e apresentada como informação apurada (muitas vezes, inclusive desmentida na seqüência). Insistentemente o governo Lula foi comparado com o governo Collor, insinuando que o desfecho deveria ser o mesmo impeachment. As capas da revista *Veja* de um e outro momento escancaram a intenção de afirmar a relação entre os dois presidentes.

Outro movimento perceptível na grande imprensa foi de afirmação da não-diferenciação - todos são iguais quando chegam ao poder. Em todos os partidos há corruptos e os políticos são corrompíveis. O capital simbólico do PT, desde a sua fundação, foi uma perspectiva ética que inclui a luta contra a corrupção. É este diferencial que deve ser apagado, apresentando o governo em crise, identificando a causa da crise no “mar de corrupção”, argumentando que todos os partidos enfrentam o problema da corrupção (que, no entanto, nunca antes foi tanta) o sentimento de decepção e frustração atravessa o militante e o eleitor. Decepção e frustração levam à desesperança - até no PT há corruptos? - então, um outro mundo não é possível.

A ameaça aos interesses que a imprensa representa

A cobertura da grande imprensa fez esta aposta e deu mais um exemplo de como age quando os interesses que ela representa se sentem minimamente ameaçados. Foi assim no Chile do presidente Salvador Allende, é assim

na Venezuela do presidente Chávez, é assim no Brasil do presidente Lula. Os jornais não vacilam em assumir seu lado na luta de classes. Como nestes períodos a realidade é manifestamente contraditória e complexa e o eleitor/leitor não dá conta do conjunto de informações, o jornalismo tem uma função muito importante. À mídia cabe o “fazer ver” o mundo “fazer crer” que ele é assim como está sendo apresentado. No Chile, na Venezuela, no Brasil quando o poder começa a trocar de lado, ou quando os “de baixo” apontam no horizonte, os jornais apostam nos relatos do medo, da incerteza e da insegurança. São discursos competentes, porque passam pelo “teste da realidade” (de fato, os eleitores do PT estão frustrados), eles têm indícios de real (há, de fato, corrupção no governo Lula) logo, são discursos autorizados a oferecer uma conclusão compatível com a descoberta e orientar nossa leitura do mundo.

O discurso neoliberal, diz Bauman (2000)¹ reduz-se ao credo de que “não há alternativa”. Além disso, todas as alternativas são, devem ser e se revelarão piores se experimentadas na prática. É a esta política que a grande imprensa está correspondendo no Brasil e este é o tom que encontramos na cobertura política. A primeira investida foi na direção da incapacidade de Lula governar - ele não tem formação, ele não tem experiência administrativa, - mas, como esta não passou no “teste da realidade”, então a aposta foi na direção da corrupção - que, com indícios de real, vem acompanhada de indignação. Na verdade, outra vez um discurso enganoso: parece que, para esclarecer, para contribuir com a construção da cidadania, na verdade um discurso moralista, conservador e despolitizador na medida em que faz a apologia da rendição.

¹ BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. (Nota da *IHU On-Line*)

A história do dossiê

Na opção da imprensa antiLula pelo pró-Alckmin a história do dossiê teve um impacto positivo, garantindo o segundo turno da eleição. O interessante nesta história é, pensando nas relações entre mídia e política, observar o papel da imprensa e os efeitos da edição. As capas dos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, Zero Hora, O Globo e os noticiários de televisão do dia 30 de setembro são primorosos documentos do trabalho de enquadramento ideológico em pauta. Se foram vitoriosos porque garantiram o segundo turno (a mídia, em especial a Globo, omitiu informações cruciais na divulgação do dossiê e contribuiu para levar a disputa ao 2º turno, diz Carta Capital) também propiciaram um intenso debate público sobre a imprensa. Os observatórios de imprensa, a revista Carta Capital, os blogs alternativos trouxeram informação não só do fato (o dossiê), mas também dos bastidores da cobertura e dos sujeitos e interesses que garantiram a linha editorial antiLula/pró-Alckmin. A contra-informação tornou factível a proposta de um dossiê da mídia nas eleições de 2006.

O paradoxal e surpreendente para quem estuda a mídia e observa perplexo seu poder extrapolando todas as fronteiras é verificar que “todo esse poder” também é suscetível de derrota. Outras variáveis originadas na vida real e nas subjetividades humanas também disputam sentidos com a mídia e, às vezes, tornam vitorioso o outro lado.

IHU On-Line - O que é ensinado nos cursos de Jornalismo sobre as relações entre a mídia e a política? Elas dão conta da questão?

Christa Berger - No currículo repete-se em mais de uma disciplina a discussão sobre mídia e política. Penso que os alunos têm a oportunidade de conhecer perspectivas teóricas, observar criticamente as

coberturas jornalísticas e produzir textos aprendendo a diferenciar informação (apurada com rigor) e opinião. O problema que merece ser criticado na cobertura que estamos comentando não é de responsabilidade de quem exerce a profissão nas redações ou da formação acadêmica dos jornalistas, ainda que isso deva ser considerado na análise. É mais um problema do sistema de comunicação que permite a concentração dos meios e a falta de uma política democrática de comunicação que nenhum governo nem partido político foi capaz de enfrentar. Enquanto a informação estiver submetida aos interesses do capital, é este quem dará a palavra final.

IHU On-Line - Como à senhora avalia a cobertura que a imprensa gaúcha tem feito das eleições para governador do Estado, principalmente no segundo turno?

Christa Berger - É uma cobertura que acompanha a grande imprensa nacional. Ela tem lado, optou pelas candidaturas tucanas. Mas é, também, uma cobertura

mais cuidadosa do que em outras eleições na exposição desta opção. No caso da *Zero Hora*, parece uma opção por não perder mais assinantes/leitores, afinal, a opção política não pode competir com os ganhos materiais. Há estudantes e pesquisadores coletando as informações políticas dos jornais gaúchos e, seguramente, vamos ter acesso a monografias, artigos e dissertações esclarecendo como ela se comportou. O que chama atenção e, talvez, seja uma novidade nesta eleição é a quantidade de contra-informação à grande imprensa que circula via internet. Há uma disputa de versões sobre os fatos, mas, mais que isso, há textos reescrevendo a informação divulgada, fazendo a crítica da informação, dos modos de fazer a cobertura e dos interesses da informação estar assim construída. O acesso a este conjunto de informações - díspares, contraditórias, complexas e ricas - apontam para uma característica acirrada em nosso tempo: a distribuição desigual da informação.

“Não houve quebra de ética jornalística no caso das fotos do dinheiro”

ENTREVISTA COM LILIAN CHRISTOFOLETTI

A jornalista Lilian Christofolletti, da Folha de S. Paulo, foi uma das repórteres que recebeu o Cd com as fotos do dinheiro que pagaria o dossiê contra o PSDB das mãos do delegado responsável pelo caso. Em entrevista exclusiva concedida por telefone para redação da IHU On-Line, Lilian conta como foi o encontro, e critica a revista Carta Capital pelas informações sobre o caso, e pela forma como as divulgou. Formada em Publicidade pela Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), Lilian Christofolletti trabalha na Folha há dez anos. Antes da Folha, a jornalista trabalhou no Correio Popular de Campinas e no jornal República de Itu, sempre como repórter. Confira a entrevista, em que ela fala sobre ética no jornalismo e sobre a relação entre política e imprensa:



IHU On-Line - Como foi a conversa que a senhora e outros jornalistas tiveram com o delegado no momento em que ele entregou o CD com as fotos? Em algum momento passou pela sua cabeça que aquilo era uma farsa, que a senhora poderia não estar sendo ética na prática jornalística?

Lilian Christofolletti - Em primeiro lugar, o que a *CartaCapital*¹ contou é uma grande mentira. Nós já estamos processando o Mino Carta por conta disso. A história que ele contou e depois reafirmou no seu blog é de que, quando eles escreveram a matéria, não ouviram os repórteres, nem a fita. Então, eles se basearam numa versão que nunca existiu. O que aconteceu naquele dia, uma sexta-feira, dia do depoimento do Milton Lacerda e do Freud Godoy, o delegado, pela manhã, ligou para

alguns jornalistas, e não foi para mim, pedindo um encontro perto da Polícia Federal, dizendo para esses jornalistas que queria que eu também estivesse no encontro. Eu fui para lá, com mais três repórteres, para conversar com ele sem saber do que se tratava. Nessa conversa, ele falou que tinha uns Cds, que ele queria nos entregar, com as fotos, porque ele estava com muita raiva de ter sido afastado do caso, e a expressão que ele usou foi “eles me foderam, agora foda-se”, claramente referindo-se ao comando da Polícia Federal.

Má fé ou desinformação

Tentar dar uma conotação eleitoral para isso ou é má fé ou desinformação. Em nenhum momento daquela conversa, ele falou no presidente Lula, ou no PT, ou em qualquer conotação política. O que ele pediu é que fosse mantido o off, pois ele não queria mostrar que era ele quem tinha vazado as fotos. E chegou a falar que ia culpar repórteres por conta disso. É mentira, no entanto, que os repórteres que estavam lá tenham ficado quietos. E eu não estava gravando a conversa, nem distribuí a fita

¹ Sobre o caso, confira no site do IHU (www.unisinos.br/ihu) as *Notícias Diárias*, no dia 17-10-2006. A redação da *IHU On-Line* entrou em contato com o senhor Mino Carta, por intermédio de sua secretária, falando sobre as acusações da jornalista Lilian. Ele não se manifestou até a tarde de hoje, 30-10-2006. (Nota da *IHU On-Line*)

para ninguém. A conversa naquele dia, por volta de 10h30min, não se resumiu ali. Nós voltamos a encontrar-nos naquele mesmo dia. Foi quando eu perguntei novamente para ele a respeito dessa idéia de falar que alguém tinha furtado, quando ele disse que não, que não ia fazer isso, que a única coisa que ele queria é que não divulgassem o nome dele. É um direito dele não querer aparecer, com medo de represálias no comando da Polícia Federal, já que existia uma orientação da PF de não divulgar as fotos.

Não houve quebra da ética

Eu entendo que nesse momento não teve nenhuma quebra de ética jornalística. Ele passou em off os documentos, e nós aceitamos nessa condição, porque entendíamos a importância e a relevância das fotos. Eu entendia também que o leitor da Folha tinha direito a ver as fotos. Não houve em nenhum momento a conversa “vamos prejudicar o Lula...”, isso foi mentira que surgiu depois. Abomino o repórter que tenha gravado e distribuído a fita, porque isso era um off. Isso deixou o delegado em uma situação difícil e delicada. E falta de ética é o que a *CartaCapital* fez, porque ela publicou uma matéria sem ouvir o outro lado “em nome do bom jornalismo”, e sem ouvir a fita. Isso é um absurdo. É como se fosse dispensável a versão dos jornalistas que estavam lá na hora.

IHU On-Line - O próprio Ombudsman da Folha considera erro do jornal ter endossado a história do delegado. O que a senhora acha disso?

Lilian Christofoletti - Não foi um erro. Eu penso como jornalista. Naquele dia, eu estava lá, peguei as fotos, e era um off o que o delegado disse. Nós não tínhamos alternativa, não podíamos desmentir a versão em “on” dele, que ele deu na frente da Polícia Federal para 50 jornalistas, em uma coletiva. Isso seria acusar o cara que passou a informação para a gente em off. É muito fácil

pensar a situação hoje, depois de dias passados. As pessoas têm que pensar como foi naquele dia, como atuar no momento. O grande ponto disso, eles dizem que nós rompemos a ética, é que o delegado passou a foto supostamente dizendo que era para acabar com a campanha do Lula. Nós acompanhamos o delegado durante várias semanas, tínhamos certeza de que não era isso. Ele estava simplesmente agindo em causa própria, revoltado com a situação dentro da Polícia Federal. Em nenhum momento, ele citou o nome de Lula, do PT, de campanha política.

IHU On-Line - Como jornalista, com base na sua experiência, qual o preço para se obter uma grande matéria? Há limites para se chegar a um furo? Quais são eles?

Lilian Christofoletti - É lógico que há limites para obter-se um furo de reportagem. Cada jornalista tem uma ótica que define a sua ética. Não podemos prejudicar ninguém. Qualquer situação que nos pareça estranha, fazemos valer a nossa ética. Isso é muito claro.

IHU On-Line - Como conciliar as convicções éticas e morais do jornalista com a linha editorial da empresa para qual ele trabalha? Essa é uma dificuldade que pode representar um conflito interno e profissional?

Lilian Christofoletti - Eu trabalho há 10 anos na *Folha*. Nunca me foi pedido nada que ferisse minha ética ou que eu entendesse como quebra de ética. Essa pergunta parte da premissa que toma como verdade a reportagem da *CartaCapital*. É só dar uma olhada no blog do Mino Carta que ele já começa a pedir desculpas, responsabilizando o repórter dele por uma matéria sem ouvir os repórteres e a própria fita. Se eu fosse a jornalista da *CartaCapital*, em primeiro lugar, eu ouviria os repórteres. Na minha opinião, essa era uma matéria encomendada, uma matéria pronta, por isso, não se ouviram os outros lados. Eu soube que um repórter, que

deveria ter feito a matéria, pediu demissão um dia antes para não ter que escrevê-la. Essa informação é muito importante, mostra bem o caráter da revista, o caráter do repórter Raimundo Pereira e o caráter do Mino Carta.

IHU On-Line - O que é mais característico no jornalismo político? O que caracteriza a cobertura jornalística de política?

Lilian Christofolletti - A principal diferença são os bastidores da política. Repórter de política tem que passar um tempo em Brasília, tem que transitar no Congresso, tem que conhecer os deputados, tem que saber quem tem informação, quem não tem, e qual o objetivo de cada um.

IHU On-Line - Na sua opinião, esse episódio do dossiê e das fotos do dinheiro não comprometem a credibilidade jornalística brasileira?

Lilian Christofolletti - Compromete, sim, pelo lado do Mino Carta e do repórter dele. Ele escreveu a matéria que ele quis, e isso sim compromete. O Mino Carta, na década de 1980, era editor da revista *IstoÉ* e ele trabalhava em prol do Orestes Quércia. Isso não é novidade para ninguém. Mino Carta muda de chefe, mas não muda de hábitos.

IHU On-Line - A senhora acha que a imprensa nacional tem feito um bom trabalho na cobertura das eleições?

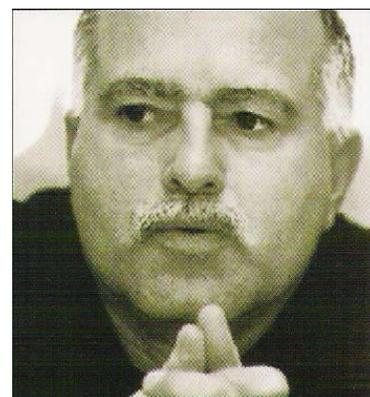
Lilian Christofolletti - Acho que sim, tem feito. São os mesmos repórteres que há muito tempo acompanham o presidente, que acompanham outros candidatos. Avalio como boa a cobertura.

O jornalismo como um espaço de luta política

ENTREVISTA COM NELSON TRAQUINA

Um dos principais teóricos da comunicação da atualidade, Nelson Traquina, concedeu uma entrevista exclusiva para a revista IHU On-Line, por telefone, na última semana. Ele ajuda a compreender o papel dos meios de comunicação na sociedade contemporânea, na edição em que buscamos analisar a relação entre a mídia e a política. Para ele, “os jornalistas estão vendo seu papel cada vez mais central nas democracias contemporâneas”.

Nelson Traquina é professor catedrático de Jornalismo na Universidade Nova de Lisboa e é presidente do Centro de Investigações Media e Jornalismo (CIMJ). Português, Traquina é mestre em Política Internacional, formado em Jornalismo pelo Institut Français de Presse e doutor em Sociologia. Como jornalista, foi correspondente da UPI (United Press International Television News). Hoje, Traquina se dedica ao estudo do jornalismo. Ele é considerado um dos principais teóricos da comunicação da atualidade, responsável por amplo painel biográfico das transformações do jornalismo nas últimas décadas e da análise sociológica dos processos de produção das notícias. Traquina é autor de O estudo do jornalismo no século XX. São Leopoldo: Unisinos, 2001; Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias Lisboa: Veja, 1993; O Poder do Jornalismo. Análise e Textos da Teoria do Agendamento. Coimbra: Minerva, 2000. Ele esteve na Unisinos em abril de 2004, ministrando palestras sobre cidadania e abuso de poder. Leia a entrevista.



IHU On-Line - Como se dá a relação entre política e mídia?

Nelson Traquina - Esse é um assunto muito complexo. Os meios de comunicação social são centrais para a política e para os profissionais do campo político. O fato é que um grande número de pessoas utiliza os meios de comunicação social para ter informação sobre o ambiente que os circunda e, sobretudo, durante os processos eleitorais. A política faz parte do meio que nos rodeia e haverá pessoas que querem saber mais sobre essa realidade. Se os meios de comunicação social não falam do ator político, esse ator não existe no mundo de que as pessoas se utilizam para informar-se. Portanto, os

políticos sabem cada vez mais que é preciso aparecer e estar nos meios de comunicação social. Muitas vezes, eles criam acontecimentos para conseguir um espaço nesse mundo inventado pelos meios. Certamente essa é uma razão pela qual há mais investimentos em toda essa indústria de relações públicas, intimamente ligada à política hoje em dia.

IHU On-Line - Como podemos pensar a ética no jornalismo, considerando um sistema político marcado pela corrupção?

Nelson Traquina - Essa é uma realidade que confronta os profissionais com sérios desafios. A postura muito

dependerá da maneira de a pessoa fazer jornalismo. Há no jornalismo toda uma série de responsabilidades e comportamentos que devem ser associados ao profissional do campo jornalístico. Esse é um desafio muito grande, mas penso que, no Brasil, continua a haver muitos profissionais que acreditam nesse objetivo. Embora não seja conhecedor profundo da realidade brasileira, nos últimos meses e anos vejo que os jornalistas têm enfrentado questões sérias para o processo político e a democracia no Brasil.

***IHU On-Line* - Qual o papel das teorias do jornalismo para ajudar a compreender o fazer da profissão muitas vezes corrompida pelo poder político? Essas teorias não deveriam sofrer alterações?**

Nelson Traquina - É necessário estudar o jornalismo, sobretudo encará-lo como um espaço de luta política, por exemplo, em que os diversos atores políticos tentam fazer ouvir a sua voz nos meios de comunicação social. Certamente os jornalistas têm um papel importante, porque eles têm o poder de selecionar que acontecimentos vão fazer parte, ou que vão construir o noticiário, que aspectos da sociedade vão estar presentes nos meios de comunicação social. A luta, a abrangência e a pluralidade de opiniões são muito importantes no jornalismo, e os jornalistas estão vendo seu papel cada vez mais central nas democracias contemporâneas.

***IHU On-Line* - Como o senhor analisa as transformações tecnológicas que o jornalismo vem sofrendo, com a inserção de jornalismo eletrônico, por meio de blogs e sites de notícias? O que muda na lógica da produção jornalística?**

Nelson Traquina - As novas tecnologias oferecem novas oportunidades, mas, ao mesmo tempo, novos desafios. Um desafio é a crescente pressão do fator tempo no trabalho jornalístico. Mas, da mesma maneira, oferece capacidades de conseguir maior número de idéias, obter

mais informação, tornar o trabalho jornalístico com mais qualidade.

***IHU On-Line* - O senhor fala de jornalismo ideológico e econômico. Pode explicar esses dois tipos de jornalismo relacionando-os à política?**

Nelson Traquina - O jornalismo ideológico certamente não corresponde ao paradigma dominante no jornalismo nas sociedades democráticas. Quanto ao jornalismo econômico, podemos falar de duas coisas diferentes: um jornalismo sobre economia, que seria uma especialização dentro do jornalismo, e o fator econômico no jornalismo, bem como os efeitos que esse fator tem sobre o jornalismo.

***IHU On-Line* - Democracia e liberdade de imprensa andam juntas? Elas são compatíveis?**

Nelson Traquina - Elas são essenciais uma a outra. Portanto, não há jornalismo e democracia sem liberdade.

***IHU On-Line* - Existe imparcialidade no jornalismo? Ela pode ser ainda aplicada no jornalismo da contemporaneidade, marcado pela luta de tantos poderes?**

Nelson Traquina - Depende da maneira como cada um concebe a imparcialidade no jornalismo. Se isso quer dizer que não há valores no jornalismo, acho que é uma concepção errada. O jornalismo tem ganhado credibilidade, e os profissionais do campo jornalístico mostram uma tentativa constante de tentar ouvir as diversas vozes num conflito ou numa disputa sobre uma determinada questão.

A imprensa de talão de cheque

ENTREVISTA COM TONI VIEIRA

Toni André Scharlau Vieira possui graduação em Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), e mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor titular da Unisinos, onde ministra a disciplina de Crítica da Mídia, e da Faculdade Dinâmica das Cataratas. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Editoração. Em entrevista concedida por e-mail para a revista IHU On-Line, Toni Vieira analisa a relação entre mídia e política e afirma que, aqui no Rio Grande do Sul, “a RBS, todo mundo sabe, é contra o PT e Olívio”. Eis a entrevista:



IHU On-Line - Quais os principais desafios éticos na relação entre a mídia e a política?

Toni Vieira - O principal deles é tornar a produção da mídia mais aberta, ampliar as oportunidades de voz e vez das camadas mais marginalizadas da sociedade. Não há como exigir ética sem discutir e eleger padrões mínimos para cobrar essa ética. Eu falo padrões mínimos porque a sociedade que tem informação pode exigir e a que não tem, não pode. Quando não existia o Código de Defesa do Consumidor ninguém tinha o hábito de exigir seus direitos. Hoje qualquer cidadão abre a boca e reivindica. O processo judicial que obrigou a Rede TV a retirar do ar o programa do João Kleber poderia multiplicar-se se a população fosse educada para consumir os meios de comunicação, quase que da mesma forma como foi informada e educada a consumir alimentos e outros produtos, com base nos seus direitos de consumidor e cidadão.

IHU On-Line - Qual sua avaliação da cobertura política dos jornais e TV nas eleições entre Lula e Alckmin?

Toni Vieira - Em geral, foi boa. Houve pecadinhos que denunciaram a predileção dos grandes meios pela vitória

de Alckmin. No geral, percebeu-se que a mídia não estava bem preparada para “forçar” uma vitória da oposição. Talvez porque, no Governo Lula, muitas empresas de comunicação receberam aportes financeiros do BNDES e foram contempladas com o sistema de televisão digital mais próximo do desejo delas. Não há como negar que o processo foi bem mais democrático, isento e profissional que nos últimos pleitos.

IHU On-Line - Quais os caminhos para uma imprensa mais crítica, mais objetiva e distanciada do poder político?

Toni Vieira - Ampliar a discussão sobre os padrões de uma mídia que contribua para a cidadania com a sociedade. As iniciativas de criação de conselhos municipais, estaduais e nacional de comunicação é uma boa alternativa. Também é possível discutir mais o assunto dentro das instituições de ensino, não só superior e de formação de comunicadores, mas em todos os níveis de ensino.

IHU On-Line - Quem hoje no Brasil se aproxima e quem mais se distancia de um modelo de imprensa crítica e séria?

Toni Vieira - Quem mais se aproxima é a revista *CartaCapital*. A *Veja*, e a *IstoÉ* são as que mais deixam claras as suas opções por produzirem manchetes de vendas e compra de conteúdos. Também os jornalões, como a *Folha de S. Paulo*, o *Estadão* e o *Globo* (da mesma forma as principais redes de televisão e rádio!) se distanciam de qualquer ideal de imprensa saudável pela vaidade com que se apresentam. Parece que aquilo que não foi publicado nas páginas ou telas e ondas sonoras delas não existe, nunca existiu. Falta, sobretudo, humildade e disposição para um trabalho polifônico.

IHU On-Line - O que é ensinado nos cursos de Jornalismo sobre as relações entre a mídia e a política? Quais as principais questões apontadas pelos alunos? Qual deveria ser a orientação nesse sentido?

Toni Vieira - Há ainda pouco trabalho para fazer uma relação mais profunda entre mídia e política. A academia precisa amadurecer mais as formas de tratar esse assunto sem proselitismo e sem discussão puramente ideológica.

IHU On-Line - Na sua opinião, a mídia foi ou não foi usada para o embate eleitoral nacional, principalmente no caso do dossiê?

Toni Vieira - Não há inocentes ou instituições “usadas” nesse caso. A mídia aproveitou o tema para trabalhar o que queria. Na revista *CartaCapital*, há um dossiê sobre o dossiê. O Brasil segue o rumo perigoso e condenável do denunciamento e da imprensa de talão de cheque, muito difundida nos Estados Unidos.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a cobertura que a imprensa gaúcha tem feito das eleições para governador do Estado, principalmente no segundo turno?

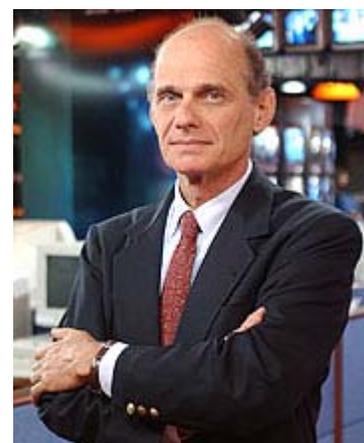
Toni Vieira - A RBS, todo mundo sabe, é contra o PT e Olívio. As outras empresas seguem quase no mesmo diapasão. A cobertura realizada é bem melhor que em anos anteriores. Os fiascos com pesquisa em anos anteriores determinaram isso. Menos a questão da partidização, do apoio da imprensa a esse ou aquele candidato/partido, eu penso que deveríamos refletir sobre o trabalho da imprensa no sentido de mobilizar a cidadania para o exercício do voto. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) faz serviço mais elogiável nas suas propagandas e chamadas para o voto do que os meios de comunicação, embora tenha havido uma melhora significativa se compararmos com os anos anteriores.

“Nossa imprensa é compatível com os padrões e valores da nossa sociedade”

ENTREVISTA COM RICARDO BOECHAT

Repórter consagrado e reconhecido como um dos jornalistas mais bem-informados do País, Ricardo Boechat apresenta o Jornal da Band no auge de uma carreira que tem passagens pelos principais veículos do Brasil. O início se deu em 1970 como “foca” no extinto Diário de Notícias. De 1971 a 1987, Boechat dedicou-se ao jornalismo, integrando primeiramente a equipe de Ibrahim Sued e depois, em 1983, assumindo a coluna Swann, em o Globo. Em 1987, aceitando convite do então governador Moreira Franco, deixou a coluna para assumir a Secretaria de Estado de Comunicação Social do Rio de Janeiro. Mas a experiência na vida pública durou apenas seis meses. Boechat pediu demissão e voltou para as redações, desta vez como coordenador de redação do Jornal do Brasil.

Em 1989, foi diretor da sucursal do Estado de S.Paulo no Rio de Janeiro e, após um ano, voltou à coluna do Swann. Em 2001, no Jornal do Brasil, foi responsável pela coluna Informe JB e chefe de redação, passando a assinar também, até dezembro de 2005, a coluna Boechat. Antes de apresentar o Jornal da Band (fevereiro de 2006) Ricardo Boechat era diretor da redação da Band Rio e da Bandnews FM no Rio de Janeiro. Ganhador de três Prêmios Esso e do prêmio White Martins de Imprensa, Ricardo Boechat também é autor do livro Um Hotel e sua História sobre a trajetória do Copacabana Palace. Confira, a seguir, a entrevista que Boechat concedeu por telefone para a redação da IHU On-Line.



IHU On-Line - Como se configura a relação entre política e imprensa?

Ricardo Boechat - Configura-se basicamente como matéria-prima e usuário de matéria-prima. A política é notícia, é um assunto que interessa uma parte significativa do público consumidor de informação. É uma pauta, um tema, um setor, tanto quanto a economia, o esporte, o lazer e comportamento. É um terreno, um produto, uma área de informação que tem consumidores fixos e um contingente variável em função do momento que se estiver vivendo. A campanha eleitoral, por

exemplo, amplia este universo de interesse pelo noticiário político. A relação se dá nos mesmos padrões de outros segmentos do mundo da informação, que a mídia captura para transformar e reportar a seu público consumidor. A relação de cobertura cotidiana, com contatos de fontes, algumas mais próximas, outras menos, colunas, blogs, analistas, setoristas, editorias específicas, formam um grande universo nessa convivência entre fonte e redações, com o propósito de fazer exatamente como em qualquer outra área que a imprensa cubra: fazer esse fluxo de informações fluir

com maior intensidade e maior naturalidade.

O olhar ético sobre a questão

Do ponto de vista ético e moral, essa relação entre política e imprensa se dá de maneira bastante satisfatória, ainda que aqui e ali se possa, muito que acidentalmente, detectar um ou outro desvio de conduta, para falar do mais grave, ou uma ou outra cobertura menos equilibrada. Às vezes, esse desequilíbrio decorre de erros de edição e não de algo deliberado, ainda que eventualmente se localize, como agora está se questionando, por exemplo, no caso da *Globo* e da *Veja*, posicionamentos de cobertura que até justificam que sejam entendidos como parciais, facciosos. Ainda assim, no seu conjunto (e estou me referindo, é claro, à mídia visível para o grande público, os grandes centros), me parece que é uma relação da qual o consumidor de informação, a sociedade, o público, saem mais lucrando do que eventualmente perdendo. Mesmo que se queira apontar uma parcialidade mais explícita (e acho que no caso da *Veja* isso é mais fácil de fazer, porque ela, de fato, exacerbou o seu engajamento contra Lula, mais do que a favor de Alckmin ou mais do que a favor da oposição), temos que reconhecer que tanto a *Veja* quanto a *Globo*, ao longo da cobertura política, deram contribuições importantes ao noticiário e à descoberta de fatos políticos. No conjunto, a cobertura foi positiva. Nesta campanha, especificamente eu, como mero observador, querendo me abstrair da condição de jornalista, acho que a imprensa nutre mais antipatias pelo Lula do que me agradaria ver como consumidor. Mas ainda assim, é um fragmento do todo e não o todo.

IHU On-Line - Que tipo de mensagens subliminares podemos encontrar na grande mídia em detrimento de um candidato ou outro?

Ricardo Boechat - Em situações isoladas isso acontece. Por exemplo, o jornal o *Globo* deu uma manchete há poucos dias dizendo “Lula usa facção criminosa para esconder dossiê”. Ora, lendo essa expressão nós podemos imaginar que Lula fez acordo com uma quadrilha, do tipo Comando Vermelho, entregando para eles uma cópia do dossiê, que foi escondido em algum esconderijo dessa facção criminosa, dentro de uma penitenciária, a pedido do Presidente da República. Quando lemos a matéria, ela diz que Lula, toda vez que perguntado por seu adversário sobre a origem do dinheiro do dossiê, reage citando o advento do PCC em São Paulo durante o governo Alckmin, ou seja, não é que ele usou uma facção para esconder. Ele evita o debate e contra-ataca, citando o advento do PCC no governo do adversário.

Veja e a excitação de ser oposição

No caso da *Veja*, uma capa em que um Presidente da República, eleito, aparece de costas com um pé na bunda, como se tivesse levado um chute, não chega a ser, num contexto já de reta de campanha eleitoral, uma capa que eu poderia classificar como não-engajada. Se pegarmos a edição da *Veja*, que teve a capa do filho do Lula, a própria matéria, bem como a matéria da semana anterior, sobre a operação para ocultar o dossiê, veremos que elas estão trabalhadas editorialmente, como para parecer que têm muito mais a revelar do que de fato estão revelando. Se pegarmos a última edição da *Veja*, é impressionante a quantidade de matérias contra o Lula e contra o PT. Pessoalmente, não tenho nenhum encanto pelo Lula ou pelo governo dele. Até tenho opiniões muito negativas. O mesmo ocorre em relação ao tucanato. No entanto, acho que na hora de trabalhar uma edição, é preciso ter cuidado. A não ser que se queira editorialmente dizer claramente para o leitor e eleitor: nós somos uma publicação engajada na oposição e vamos trabalhar com essa visão, com essa maneira de interpretar os fatos. A excitação de ser oposição

impregnou muito as edições da *Veja*.

Então, temos esses episódios aqui e acolá. O *Estado de S. Paulo* é mais sóbrio na maneira de expressar a sua antipatia ao governo do PT. A *Veja* tem feito isso de forma muito panfletária e, às vezes, nas organizações Globo, nós capturamos sim, ainda que um pouco dissimuladamente, algumas ações de quem parece ser antipático à idéia de reeleição do Presidente.

IHU On-Line - Ainda é possível acreditar que exista uma mídia imparcial?

Ricardo Boechat - É possível acreditar, sim. Acho até que estamos nos referindo a episódios pontuais. Pare e pense em um exemplo de mídia imparcial, no mundo. Que mídia imparcial é a americana, que nos serve sempre de farol, diante do que se viu no governo Bush? Diante do que se viu no pós-11 de setembro? Agora, ela passa por uma revisão intestinal e começa a perceber que se meteu em um monumental equívoco, do qual foi cúmplice, escamoteando, distorcendo, exacerbando, pré-conceitualizando. A invasão do Iraque não se deu sem uma razoável excitação por parte da mídia. O aumento no cerceamento à liberdade individual não se deu sem que a mídia sacralizasse, demonizasse determinadas figuras e instituições nos Estados Unidos. Atores de Hollywood que se insurgiram ainda naquele clima passional pós-11 de setembro contra o aumento do discurso belicista do governo republicano, foram tratados pela mídia como pestilentos. Então, onde está essa mídia imparcial? No *The Guardian*? No *Times*? No *Wall Street Journal*? Não sei. Dependendo das circunstâncias, do momento, haverá sempre quem possa olhar retrospectivamente ou até contemporaneamente para constatar uma ruptura de um determinado padrão de isenção, de equilíbrio etc. Eu diria que episódios como esse que eu estou citando nos Estados Unidos são mais freqüentes na nossa imprensa. A imprensa aqui expressa muito mais pontos de vista de um público que não é

exatamente o povão. Ela é feita por pessoas de classe média, e destina-se a pessoas de classe média, têm valores mais conservadores, é mais branca do que negra, mais sul e sudeste do que nordeste e norte. Isso acaba permeando o noticiário de uma certa parcialidade, sobre todos os aspectos: cultural, político, comportamental, moral. Eu não sei se essa imparcialidade é um pouco da utopia, da fantasia do processo, ou propriamente algo realizado nessa medida quase religiosa, de valor absoluto. Há uma imparcialidade maior do que uma parcialidade, na média das coisas. No momento eleitoral, exacerbam-se algumas posições. E se fizermos um corte apenas na campanha eleitoral talvez se tenha muito mais críticas a fazer. A própria mídia está fazendo suas lutas intensas. Temos visto a *CartaCapital* e os blogs, atacando a *Globo* e a *Veja*, e a *Veja* atacando a *CartaCapital*.

IHU On-Line - O senhor acha que houve manipulação pela imprensa no caso do dossiê?

Ricardo Boechat - Neste processo estavam figuras com alguma preponderância ou, pelo menos, proximidade de outras figuras mais proeminentes na disputa eleitoral: o próprio Presidente da República, os ministros, coordenadores, assessores. Eu entendo que seja absolutamente natural, necessário até, que tudo seja abordado imediatamente, mostrado, exibido, escancarado. Se a imagem do dinheiro se presta a prejudicar um candidato em benefício do outro, então não se amontoe dinheiro! Se a presença de assessores de campanha, carregando malas de dinheiro tem o potencial de alterar o andamento de uma eleição, não se permita que assessores carreguem mala de dinheiro! Agora, assessor com mala de dinheiro e negociatas, por si só, têm potencial e importância política que não podem ser banidas do noticiário porque podem produzir consequência. Mas é para produzir consequência! É inevitável! Melhor que o público pudesse ser exposto a essas imagens no primeiro momento, a todas as

informações o quanto antes, para que pudesse dizer “estão armando para cima do Lula”, como parece ter sido a interpretação que se fez.

Ingenuidade é diferente de desonestidade

Está claro que o público concluiu que aquilo ali não pega o Presidente. Eu que, pessoalmente, estou longe de figurar entre os simpatizantes do tucanato, considero inclusive uma grande quadrilha, adoraria ter essa matéria na minha mão antes dos outros. É uma baita notícia! Como não? Alguém pode dizer que se trata de uma armação de tucanos para iludir petistas imbecis, ingênuos, primários, para prejudicar o Lula. Mas, espera aí: um primário é um primário e um desonesto é um desonesto. Quem recebe uma mala de um milhão e 700 mil reais e vai fazer qualquer coisa com ela, sabe que esse valor não nasce em árvores. Sabe que é dinheiro sujo, de origem espúria. A imprensa não pode ser acusada de ter manipulado o noticiário. A notícia era importante mesmo, a imagem era emblemática. Ela precisava ser mostrada, é tarefa da imprensa mostrá-la. Se pode ter sacanagem de tucano por trás disso, eu tenho que admitir que sim. Pode ser que o Presidente não sabia de nada, tenho que admitir que sim. Pode ser que ele saiba de tudo e que seja até culpado de tudo e o público chega e diz “dane-se, ele me deu o terceiro prato de comida e eu quero é ele”. Pode, sim, senhor. E é lícito. Não é a imprensa que vai definir que padrão moral tem que vigorar no País para impô-lo à maioria do eleitorado. É essa maioria que tem que definir o padrão moral.

IHU On-Line - Na noite do acidente com o Boeing da Gol, enquanto o senhor acompanhava minuto a minuto, passando os dados para os telespectadores da Band, o Jornal Nacional exibia as fotos do dossiê. O que tem a dizer sobre isso, sobre essa omissão?

Ricardo Boechat - Eu prefiro falar dos nossos méritos. Todo jornalista que dá um furo costuma creditar sempre ao seu próprio talento 100% esse evento. Eu prefiro achar que sempre é a sorte que sorri. Eu estava no ar, já no último bloco do Jornal da Band, quando a redação recebeu um telefonema de um grande e velho amigo, fonte minha, muita querido, de muitos anos, que pediu para falar comigo com urgência. Ele disse que tinha uma notícia bombástica que eu tinha que dar antes de terminar o jornal e mandou a informação: caiu um avião da Gol, em Mato Grosso, depois de chocar-se com um jato de menor porte da Embraer. Daí eu disse que faltava pouco tempo e que precisávamos correr atrás do que fosse possível checar. A equipe ainda tinha cinco minutos. Deu dois telefonemas, enquanto ligávamos de volta para a própria fonte, que estava coincidentemente em uma reunião da ANAC (Agência Nacional de Aviação Civil), com um conselheiro da Varig, onde a informação chegou para mobilizar os oficiais às primeiras providências relacionadas à queda do avião. Nós conseguimos falar com um brigadeiro que lá estava. A Gol disse que não queria comentar o assunto, que é uma reação atípica de quem estava em uma situação dessas. Conseguimos contatar também o rádio amador que tinha passado a informação para o Ministério da Aeronáutica. Com base nesses contatos, nós demos esse flash, porque já era o último instante do jornal. Já estávamos com uma boa vantagem na apuração. Ninguém tinha dado nada, nem os sites, nem as rádios. Nós demos na frente. E já terminado o jornal, toda a equipe permaneceu na redação, ligando não só para as fontes que nós já tínhamos contatado, que eram privilegiadíssimas, como também para a Gol, para o rádio amador e para especialistas. E conseguimos, à medida que íamos apurando mais e mais fatos, colocando no ar praticamente em tempo real, em boletins extraordinários.

A cautela da Globo

Eu suponho que a Globo tenha sido prejudicada pelo fato de não ter saído na frente. Ela deve ter ouvido a notícia na Band e deve ter mandado a equipe ligar para a Gol. A Gol deve ter dito para eles o mesmo que disse para nós: não queremos comentar o assunto. E daí não se pode botar no ar essa informação, diante do silêncio da empresa. Eu até entendo que eles possam ter se acautelado. Mas não é que eles se acautelaram porque são mais cautelosos ou porque estavam dando um outro assunto, por acaso a imagem do dinheiro. Eles se acautelaram porque não tinham as mesmas fontes que nós. Às 21h05min nós já tínhamos colocado no ar o rádio amador que acessou com o GPS o local onde houve a queda e que conversou com uma testemunha ocular da queda. Nós fomos avançando na cobertura, e a Globo ficou meio desorientada, nessa apuração especificamente. Não estou dizendo que ela tenha omitido o dado. Essa idéia de omissão parece-me meio burra, porque ela teria condições de dar as duas notícias com muito destaque. Portanto, acho que ela não tinha a notícia do avião. Ela teria ou que se fiar exclusivamente no que eu estava dando, o que é sempre um risco para qualquer emissora, basear-se apenas na apuração da concorrente, ou teria que esperar que a sua equipe conseguisse apurar as coisas. Só conseguiram isso bem mais tarde. O melhor assunto do dia, tirando o avião, eram as fotos. Se eu estivesse fazendo um jornal e não tivesse o avião, eu daria o dossiê com mais destaque. Se eu tivesse o avião, eu daria mais destaque ao avião, mas daria o dossiê também, porque era uma imagem forte. Se a Globo tinha informações e engavetou é outra história. Mas eu suponho que não. Seria uma burrice monumental.

IHU On-Line - Quais os caminhos para uma imprensa mais ética, mais crítica e menos manipulável pelo poder político e econômico?

Ricardo Boechat - Eu não acho que a imprensa brasileira seja parcial. É importante que ela seja mais imparcial, mais séria, mais ética, mais composta, que ela progrida e avance. Mas tenho a impressão de que ela possui uma boa taxa de imparcialidade, um bom nível moral e ético. Aqui e ali encontraremos fatos que comprometem e prejudicam essa avaliação. Em períodos X ou Y tenderemos a encontrar mais situações que evoquem esse tipo de questionamento. Um exemplo é o período eleitoral. Mas não quero dizer que, ao pregar a necessidade de uma imprensa mais livre, mais ética, mais independente do poder econômico, estou partindo do pressuposto de que essa já não é uma realidade. A grande imprensa brasileira tem mais méritos do que deméritos. À medida que nos afastamos dos grandes centros, temos uma imprensa mais vulnerável à pressão econômica, que geralmente é uma pressão econômica do poder público, do governante, mais do que das empresas privadas. Entretanto, eu entendo que temos uma imprensa compatível com os demais padrões e valores da sociedade. Estou longe de ser um admirador incondicional do padrão do nosso jornalismo, mas acho que não dá para apontar o dedo. Percebo nitidamente, por parte do PT também, que há uma tentativa de ficar, dizendo que a imprensa se posicionou contra o Lula. Não é bem assim. No meu entendimento, a imprensa refletiu a perplexidade de boa parte da sociedade brasileira diante dos escândalos que cercaram um governo e um governante em torno do qual sempre se construiu um discurso de ética. A sucessão de sacanagens, de pequenos e grandes golpes e pequenas e grandes malas, que acompanhou a trajetória do governo Lula, produziu uma enorme perplexidade num grande contingente da sociedade brasileira. E a imprensa refletiu isso, porque ela está mais focada nesse contingente.

Uma escolha da sociedade brasileira

Não é que a imprensa tenha agido ilicitamente ou

levianamente. Havia esse sentimento, como há até agora, de perplexidade. Ocorre que a parcela da sociedade brasileira que resolveu não privilegiar esse debate, não valorizar esses fatos, é majoritária. É a classe que está lá embaixo, a D, a E, que não lê jornal, que não vê a revista *Veja*, que está pouco se lixando para a internet, é semi-analfabeta e pobre. E que entende que o governo que está sendo alvo dos ataques e da perplexidade de outro segmento que não é esse, é um governo que lhe deu o terceiro prato diário de comida, melhorou sua situação de pobreza. Houve uma escolha da sociedade brasileira, particularmente desse segmento D e E, que é uma escolha que não coincide com a escolha de segmentos que a mídia atende mais diretamente e dos quais faz parte. O que a sociedade brasileira está descobrindo com essa eleição, ou redescobrindo, porque no referendo foi um pouco assim, é que os chamados formadores de opinião, artistas, imprensa, jornalistas,

TV Globo, formam opinião nos restaurantes que freqüentam. Não nas senzalas, não no campo, não onde se passa fome, não nas periferias. Ali, a opinião, pela primeira vez na história das eleições brasileiras, foi formada de dentro para fora e não de fora para dentro. E o PT capturou essa relação de forma direta. Eu, pessoalmente, olho para o Lula com enorme desilusão. Não que eu tenha votado nele ou deixado de votar. Eu não voto desde 1989, não sei nem onde está meu título. Não voto, não justifico, sou contra o voto obrigatório, contra essa sistemática eleitoral que vigora no Brasil. Entretanto, olho para ele com desilusão, porque acho que ele é um grande líder popular que jogou fora a sua biografia. Olho, porém, para o vizinho dele, tucano, com muito mais resistência. Ainda assim, vejo a figura do Lula com melancolia e o que ele está fazendo no governo mais ainda.

As relações entre mídia e política no espaço público contemporâneo

ENTREVISTA COM ANTONIO FAUSTO NETO

Antonio Fausto Neto é professor no Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora, mestrado em Comunicação pela Universidade de Brasília, doutorado em Sciences de La Communication et de L'information pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales e pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente, é também consultor da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e professor colaborador da Universidade de Santa Cruz do Sul. Tem experiência na área de comunicação, com ênfase em Teoria da Comunicação.

Fausto Neto aceitou conceder uma entrevista por e-mail para a revista IHU On-Line, na qual ele ajuda na compreensão do cenário midiático contemporâneo relacionado à política. Confira.



IHU On-Line - Como se dá a relação entre política e mídia?

Fausto Neto - Mídia e política são dois campos importantes no funcionamento do espaço público na vida contemporânea. Deparam-se com expectativas distintas, embora façam convergir suas lógicas e que se traduz na questão da construção dos anúncios dos fatos, na captura de eleitores e de leitores, expectadores etc. Estão às voltas com a exposição, com processos de construção de vínculos sociais e que passam por premissas muito importantes, como a confiança e a credibilidade. São dois campos que estão permanentemente construindo e realizando “disputas de sentidos” através de agendas que são específicas, embora quase sempre se entrelaçam. Por serem campos que perseguem um objetivo central (construção de visibilidades) e que se traduz pela sua

presença na vida contemporânea, suas respectivas autonomias passam por muitos questionamentos. Esse aspecto deve-se ao fato de que a vida das instituições tem sido crescentemente afetada pela presença das referências midiáticas nos seus modos de interação das instituições. Isso significa dizer que a problemática das especificidades das agendas vai se tornando mais complexa, pois elas perdem sua autonomia. Em outras palavras, as possibilidades de reconhecimento simbólico, por parte, por exemplo, da política, junto à esfera pública, têm dependido largamente da tomada, por empréstimo, de “senhas” e de recursos das próprias mídias. Não esqueçamos, por exemplo, que um dos indicadores a ilustrar tais relações, são as pesquisas que, por natureza, são tecnologias e produtos midiáticos, e das quais os atores e instituições políticas dependem. Se

isso deforma, ou não, o “modo de ser” da política é uma outra questão da qual se ocupam pesquisadores.

IHU On-Line - As campanhas eleitorais sofreram processos de modernização. Que processos seriam esses e como a mídia contribuiu para eles?

Fausto Neto - As campanhas mostram que historicamente têm sofrido “injunções” de parâmetros que procedem de orientação e de presenças de outras manifestações de campos sociais, como a esfera jurídica e da própria mídia. Uma vez que vivemos numa “ordem ecológica” caracterizada por uma ambientação midiática, as campanhas, por se constituírem rituais que se realizam publicamente, sofrem, pois, atualizações na medida em que passam a estruturar-se por novas modalidades de linguagens. Algo que dá origem à expressão de que a política é “forma do que plataforma”, ou seja, como as possibilidades de mensagens serem reconhecidas passam por referências midiáticas, isso significa que as campanhas políticas abandonam velhas retóricas e em favor de novas “retóricas da midiatização”.

IHU On-Line - Existe imparcialidade na cobertura política dos jornais e TV nas eleições entre Lula e Alckmin? O senhor vê diferenças de cobertura? Como essas diferenças se configuram?

Fausto Neto - Sim, se entendemos que as estratégias de cobertura não são relatos os quais são apontados de uma forma “distante”. Observamos que a ordem do factual é crescentemente abandonada de “construções”, de modelizações editoriais pelas quais as mídias chamam mais atenção sobre os “modos de dizer” do que, necessariamente, para aquilo que apontam como atualidade. Nesta campanha, há vários registros sobre comportamentos de imparcialidades e compreendê-los exige um olhar mais fino, pois tais deformações que se situam muitas vezes em “manejos editoriais” que não

estão sendo exibidos, ou percebidos, a olho nu. Há também um processo interconcorrencial das mídias que afeta a qualidade da investigação jornalística que, de sua parte, se reduz, nas formulações de conclusões que dependem menos de metodologias de apuração e mais dos “caprichos” dos editores.

IHU On-Line - O que é ensinado nos cursos de Jornalismo sobre as relações entre a mídia e a política? Quais as principais questões apontadas pelos alunos?

Fausto Neto - Grosso modo os “manuais de jornalismo” estão defasados, pois são produzidos em realidades culturais e deontológicas que traduzem especificidades de contextos distantes, distintas, portanto das vidas das instituições nacionais. Também se fundamentam em metodologias que foram pensadas dentro de formulações teóricas que, de alguma forma, naturalizam a importância que tem certos aspectos do trabalho jornalístico, como por exemplo, as relações entre fonte/repórter. Em terceiro lugar, os “casos” que são estudados, muitas vezes, estão destituídos de uma retaguarda teórica que possam ajudar a fazer e compreender os alunos a fazer relações mais complexas, do que apenas indicações genéricas sobre “rotinas produtivas”.

IHU On-Line - Quais seriam os maiores desafios éticos nessa relação entre a mídia e a política?

Fausto Neto - Os desafios éticos são crescentes, porque o complexo trabalho de produção jornalística continua estreitando-se apenas numa “performance técnica”, instrumentalizada pelas pressões do tempo, da concorrência. Isso faz as questões de fundo serem abertamente abandonadas, como, por exemplo, a reiterada necessidade de o jornalista perseguir a existência de um lugar de autonomia das fontes. Também a importância que deve atribuir às interrogações éticas que devem presidir o trabalho de

apuração em si. Seja nas redações, seja nos bancos escolares do curso de jornalismo, precisamos reequilibrar as relações entre os fundamentos éticos e os fundamentos técnicos.

***IHU On-Line* - A mídia foi ou não foi usada para o embate eleitoral nacional, principalmente no caso do dossiê?**

Fausto Neto - É certo que não temos mais a “imprensa partidária”, no sentido clássico, o que não quer dizer que estamos imunes ao fenômeno da partidarização, como tomada de posição por parte da mídia. Isso não seria um problema caso a mídia não só anunciasse aos seus leitores que está tomando posição por um ou outro candidato ou partido. Mas o problema está na ocorrência de uma “ambigüidade”, ou seja, evocam-se princípios que norteiam os “fundamentos deontológicos” do jornalismo, mas as práticas editoriais são as instâncias em que as tomadas de posição são feitas explícita ou implicitamente. Além disso, voluntária e/ou involuntariamente, certas coberturas vão a reboque das estratégias e das motivações das fontes, processo este que é naturalizado por editores ou por executivos das empresas jornalísticas. Felizmente, no caso das imagens do dinheiro apreendido e que foram repassadas aos jornalistas por um delegado, tal procedimento tem vindo à tona, mediante um processo de auto-reflexão de setores da mídia. Há erros capitais - voluntários, ou não - e têm a ver com a falta de compreensão, da parte de repórteres mal treinados, da importância do seu lugar e, especialmente da natureza de relações estratégias que envolvem normalmente, fontes / jornalistas.

***IHU On-Line* - Como o senhor avalia a cobertura que a imprensa gaúcha tem feito das eleições para governador do estado, principalmente no segundo turno?**

Fausto Neto - Aqui talvez não tenhamos um episódio similar ao da entrega de materiais a jornalistas, por parte de fontes. Mas observações mais cuidadosas podem chamar atenção sobre aspectos (gráficos, estilísticos, retóricos, semânticos etc.) que podem apontar para a parcialidade das coberturas. Acho que cobertura desta natureza é o grande momento no qual a mídia jornalística enfrenta um dilema crucial: é possível cobrir os acontecimentos, depurando das “rotinas produtivas” registros que tencionam aspectos conflitantes e que estão presentes num mesmo universo: a cultura jornalística x a cultura organizacional-empresarial.

***IHU On-Line* - E qual o papel da mídia eletrônica nesse cenário?**

Fausto Neto - O trabalho da mídia eletrônica é um fato novo se compararmos com a sua inserção em cobertura de eleições anteriores. Reproduz também alguns problemas enfrentados e ou vivenciados pela mídia, de modo geral. Mas também os problemas de uma e de outra mídia e como determinam, uma vez que os fundamentos do jornalismo praticado são os mesmos. O fato novo é a relativa autonomia que alguns serviços dispõem, como os “blogs”, de produzir o contraditório, forçar o debate, corrigir coberturas, tematizar questões que, de alguma forma, não estariam sendo consideradas pelas rotinas das coberturas das grandes mídias. De alguma forma, estes “bolsões de leituras” representam uma possibilidade de escaparmos aos esquemas interpretativos dos “conselheiros”, no caso os colonistas. Pena que poucos são aqueles que podem ter acesso a este tipo de leitura diferenciada. Mas aí está sendo engendrada uma nova modalidade de “opinião pública”. E os “conselheiros” precisam abrir os olhos, pois a Internet produz, dentre outras coisas, a emergência de uma nova pedagogia pela qual os leitores se instalam, definitivamente, neste “tecido de observações”: constroem seus arquivos, comparam dados, formulam

registros e tiram conclusões sobre o trabalho editorial e discursivo dos seus informadores, saindo, assim, deste lugar apenas inicial, que é a ponta do iceberg. E por aí vai se tecendo - bem ou mal - o futuro das noções de

confiança e de credibilidade, tão caras para o status da mídia jornalística.

Um festival de horror

ENTREVISTA COM LUIS NASSIF

Para o jornalista Luis Nassif, a cobertura da política brasileira nas revistas nacionais se configura num “festival de ficções de lado a lado, sem precedentes na história recente do País”. Nesta breve entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, Nassif avaliou a cobertura política pelos meios de comunicação e do “leque de opiniões” oferecido pelos blogs.

Nassif é introdutor do jornalismo de serviços e do jornalismo eletrônico no País. Comentarista econômico da TV Cultura. Vencedor do Prêmio de Melhor Jornalista de Economia da Imprensa Escrita do site Comunique-se em 2003 e 2005, em eleição direta da categoria. Membro do Conselho do Instituto de Estudos Avançados da USP e do Conselho de Economia da FIESP. Autor de O Jornalismo dos anos 90. São Paulo: Futura, 2003 e Menino do São Benedito e outras crônicas. São Paulo: Editora Senac-São Paulo, 2002. Finalista do Prêmio Jabuti de 2003 na Categoria Contos/Crônica. Em 1995, lançou o CD Roda de Choro, solando bandolim, semifinalista do Prêmio Sharp de Música Instrumental.

IHU On-Line - Como o senhor vê o comportamento do jornalismo eletrônico no Brasil nesta campanha presidencial? Como os portais se “portaram” na polarização Lula X Alckmin?

Luis Nassif - Os portais desempenharam um papel de contrapeso à mídia convencional. Ainda existe muita torcida, muita posição passional nos blogs, mas pelo menos os leitores tiveram acesso a um leque de opiniões e informações muito mais amplo do que o oferecido pela mídia convencional.

IHU On-Line - A ética no jornalismo político é comandada por quem? Como isso é trabalhado pelo senhor, por exemplo?



Luis Nassif - Nessas eleições, houve um claro interesse das grandes empresas jornalísticas em direcionar as reportagens e os colunistas contra o governo Lula. É evidente que há uma coleção enorme de escândalos a serem investigados. Mas, no afã de derrubar o presidente, a grande imprensa perdeu o senso de limite, forçou a barra, aceitou a armação da fotomontagem do dinheiro pelo delegado da PF. Em suma, fez uma aposta de alto risco. Se Lula perdesse, a imprensa seria responsabilizada por tudo de mal que viesse a ocorrer; se Lula vencesse, como parece ser o caso, acabaria o mito dos superpoderes da mídia. Houve enorme falta de sensibilidade dos diversos diretores de redação em embarcar em um jogo em que não poderia vencer, fosse

qual fosse o resultado das eleições.

IHU On-Line - Como o senhor trabalha na edição de um comentário econômico? Existe a possibilidade de ser imparcial?

Luis Nassif - Nos blogs é mais fácil, desde que se tenha a humildade de entender o recado dos leitores. Às vezes, coloca-se um post que provoca quarenta elogios de leitores. Mas uma crítica bem fundamentada obriga o blogueiro a repensar e a rever excesso que venha a cometer. Muitos blogs limitam-se a colocar passivamente a opinião dos leitores, sem absorver a riqueza do feedback que eles nos passam.

IHU On-Line - O senhor vê diferenças de coberturas nessas eleições? Como essas diferenças se configuram?

Luis Nassif - Uma unanimidade inacreditável na grande mídia. Digo inacreditável porque, em toda competição, os veículos criativos buscam diferenciar-se uns dos outros. Nessa, todos lutam em uma mesma direção, com

as mesmas armas, e com uma adjetivação incompatível com o papel de mediação que se exige da mídia. Nos blogs, ainda há muita parcialidade e torcida. Mas, repito, há a diversidade proporcionada pela blogosfera.

IHU On-Line - Qual a sua avaliação da cobertura política brasileira nas revistas nacionais?

Luis Nassif - Um horror! Um festival de ficções, de lado a lado, sem precedentes na história recente do País.

IHU On-Line - Como se configura a relação entre política e mídia?

Luis Nassif - Em geral, órgãos maiores tentam se prevalecer de momentos de catarse para conquistarem público, como foi o caso do impeachment de Collor. Nessas eleições, forçou demais a barra, porque há algum tempo a imprensa escrita vem registrando queda de tiragem. Então se forçou demasiadamente a barra nessa campanha, tentando recuperar a credibilidade perdida. Acho que apenas agravou a situação da mídia.

Destaques da semana

Terra habitável

NOVA EDITORIA DA REVISTA IHU ON-LINE

A nova editoria Terra habitável reproduz nesta semana a entrevista com Washington Novaes e a reportagem do jornal Repubblica. Tudo foi publicado nas Notícias Diárias da página do IHU nos dias 28-10 e 26-10 respectivamente. No dia 29-10, reproduzimos um artigo de Marcelo Leite, doutor em Ciências Sociais pela Unicamp intitulado “Pegada ecológica. Espécie humana vai consumir o dobro do ideal até o ano 2050”.

"Não faz sentido o Brasil retomar a opção pela energia nuclear"

ENTREVISTA COM WASHINGTON NOVAES

Washington Novaes fala em entrevista à IHU On-Line sobre energia nuclear, transposição do Rio São Francisco, transgênicos e o governo Lula e as questões ambientais. “O Ministério do Meio Ambiente defendia a necessidade de aplicar o princípio da precaução e estudos prévios de impacto ambiental e epidemiológicos. Ele foi derrotado no Congresso pelo próprio partido do governo que comandou a votação.”, avalia Novaes.

Washington Novaes é um jornalista especializado nas questões ambientais. Bacharel em Direito e jornalista há mais de 45 anos, já foi repórter, editor, diretor e colunista em várias das principais publicações brasileiras. Ganhou diversos prêmios, entre outros, O Prêmio de Jornalismo Rei de Espanha, o troféu Golfinho de Ouro e o Prêmio Esso Especial de Meio Ambiente. Também foi consultor do primeiro relatório nacional sobre biodiversidade. Participou das discussões para a Agenda 21 brasileira. Atualmente, é colunista dos jornais O Estado de São Paulo e O Popular, de Goiânia. Entre suas publicações destacam-se A década do impasse: da Rio-92 à Rio + 10. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. Xingu: Uma flecha no coração. São Paulo: Brasiliense, 1985.

***IHU On-Line* - O governo federal elaborou um estudo pela Comissão Nacional de Energia Nuclear (Cnen) prevê a construção de mais sete reatores nucleares no Brasil, no máximo até 2025. Qual a sua opinião sobre essa notícia?**

Washington Novaes - A meu ver não traz nenhum sentido o Brasil voltar à opção da energia nuclear por muitas razões. Primeira delas é que a energia nuclear é mais cara que qualquer outra forma de energia. Existem estudos no mundo inteiro, mostrando isso. Segundo, que a energia nuclear não tem destinação para os resíduos de lixo nuclear que ela produz. O Brasil continua com dezenas de milhares de toneladas de resíduos nas usinas de Angra I e II, por não ter onde depositá-lo. Primeiro, por que ninguém aceita o lixo. Segundo, por que não há uma tecnologia segura para ele. Ninguém no mundo encontrou uma forma segura de depositar o lixo nuclear em algum lugar. Os Estados Unidos estão tentando encontrar uma solução, construindo um depósito debaixo da Yucca Mountain, em Nevada, a trezentos metros abaixo do solo. Entretanto, há objeções muito sérias dos geólogos por acharem que não há como garantir que vá resistir durante milhares de anos e que o lixo vai continuar radioativo. Para os hidrólogos, pode haver infiltração. Os vulcanologistas não garantem que os dois vulcões que são próximos ao depósito continuem inativos e também. Por sua vez, os sismólogos lembram que, há alguns anos, houve um abalo de 5.3 graus na Escala Richter a três milhas do local do depósito. Quando visitei o depósito, eu perguntei ao engenheiro do Departamento de Energia dos Estados Unidos que nos acompanhava se havia ocorrido algum abalo ali. Ele confirmou que sim, mas que o depósito resistiu bem. E eu voltei a perguntar: “E se hlegarante”. A implantação de mais depósitos está embargado pela justiça nos Estados Unidos. As

autoridades não consideram seguro pelo tempo de vida que o depósito vai ter. Ainda existe uma última questão que pergunta como os Estados Unidos farão para transferir os resíduos de mais de 100 usinas que eles têm em atividade para esse único local no estado de Nevada. Então, o Brasil voltar a isso não faz nenhum sentido. E inclusive, o País não pode fazer esse tipo de opção antes de mostrar para a sociedade com clareza qual é o quadro da matriz energética brasileira. Há pouco tempo, saiu um estudo do WWF, feito por técnicos da Universidade de Campinas, mostrando que o Brasil pode economizar 30% na energia que consome hoje sem nenhum prejuízo. E pode também ganhar com a repotenciação de usinas que estão chegando ao seu prazo de validade. Parece-me uma opção, se acontecer, injustificada e inapropriada para o País.

***IHU On-Line* - Como o senhor vê a questão da transposição do Rio São Francisco em um segundo mandato de Luís Inácio Lula da Silva?**

Washington Novaes - O projeto está embargado na justiça. Para poder ser tocado, ele precisa ser liberado na justiça porque há muitas questões que precisam ser esclarecidas e respondidas antecipadamente. Acredito que o projeto não faz nenhum sentido. Ele foi aprovado pelo Conselho Nacional de Recursos Hídricos, passando por cima da decisão do Comitê de Gestão da Bacia do Rio São Francisco, que é o órgão que devia ser respeitado. O Comitê da Bacia votou por 44 votos a 2 contra o Projeto de Transposição, dando prioridade para a revitalização. Mas o Conselho Nacional de Recursos Hídricos do governo federal, tem maioria absoluta e desrespeitou o Comitê de Gestão e aprovou esse projeto. A alegação é que assim pode-se levar uma caneca de água para milhões de pessoas que sofrem com a seca. É evidente que isso não

vai acontecer. As pessoas que sofrem com a seca no Nordeste são as que vivem em pequenas comunidades isoladas, e a transposição não vai chegar até elas. Não se vai fazer uma adutora para atender uma casa ou duas. Para essas pessoas a solução mais adequada é a de cisternas de placa que são feitas pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban) e pelo Projeto Fome Zero. Já tem 160 mil cisternas instaladas. As cisternas são muito eficientes e tornaram-se uma bênção na vida daquelas pessoas. Isso custa muito mais barato do que fazer transposição. A água da transposição destina-se a grandes projetos de frutas, flores, camarões para exportação. É o velho modelo de continuar exportando produtos primários com baixos preços para atender os países industrializados. Mais de 70% da água será para isso. A análise do projeto que o Ibama fez diz que mais de 60% das terras que serão irrigadas estão em início de desertificação. Há muitas questões que deveriam ser respondidas antes de se entrar num projeto como esse que é caríssimo e que não vai atender a essas populações. Fora o fato de que a água que virá desse projeto será uma água cara. O semi-árido brasileiro, segundo o diagnóstico de vários especialistas respeitados como o professor Maldo Rebouças, da Universidade de São Paulo, e o professor João Abner, do Rio Grande do Norte, não é de escassez de água, e sim de má gestão da água.

IHU On-Line - De que forma o Brasil deve administrar essa crise entre a Petrobras e a Bolívia?

Washington Novaes - Eu creio que é uma questão complicada. Evidentemente a Bolívia tem o direito de usar como entender melhor os seus recursos naturais. Agora, ela tem também de respeitar contratos. Se a Bolívia acha que deve confrontar esses contratos é preciso ver os direitos da Petrobras nessa questão.

IHU On-Line - Que fontes alternativas de combustível e energia são viáveis ao Brasil hoje?

Washington Novaes - O Brasil tem muitas alternativas se precisar. Entretanto, eu insisto que o País não precisa ampliar o seu potencial instalado. O Brasil tem a hidroeletricidade nos lugares em que ela for adequada e não provocar problemas, e energias todas renováveis que se pode usar como a eólica, a energia de marés ou como as de biomassas. São muitas as alternativas que o País tem.

IHU On-Line - Como o senhor analisa o governo Lula no aspecto ambiental?

Washington Novaes - A chamada questão ambiental não foi prioridade no governo Lula, muito ao contrário. O Ministério do Meio Ambiente sempre falou muito na necessidade de implantar uma política transversal no sentido de uma política que fosse comum a todas as áreas de governo e ministérios. Mas isso não aconteceu na prática. Nem o Ministério da Agricultura, Ministério dos Transportes, Ministério do Desenvolvimento e Minas de Energia, colocou ênfase e importância na questão ambiental. Ao contrário, o Ministério do Meio Ambiente foi sistematicamente derrotado em várias questões. Por exemplo, a questão de importar pneus usados do Uruguai. Foi uma decisão imposta pelo Itamaraty sob a alegação de que um tribunal arbitral do Mercosul exigia isso. No entanto, nenhum país do Mercosul cumpre isso, só o Brasil. E passou a importar lixo. Na questão dos transgênicos que o Ministério do Meio Ambiente defendia a necessidade de aplicar o princípio da precaução e estudos prévios de impacto ambiental e epidemiológico, ele foi derrotado no Congresso pelo próprio partido do governo que comandou a votação. Quanto à redução da mistura de álcool na gasolina para poder exportar mais álcool para a Suíça e o Japão, países que usam o álcool para reduzir emissões de gases poluentes, o Ministério do Meio Ambiente foi vencido também. E nós ficamos com o

ar mais poluído aqui para que se exportasse álcool para países que querem reduzir a poluição. E assim por diante, foram muitas derrotas. Há a questão da Amazônia que não teve políticas eficazes e não concordo com o projeto aprovado de cessão de florestas públicas para empresas privadas fazerem o manejo sustentável. Os próprios índices de desmatamento na Amazônia. Vejo que isso tudo mostra que o meio ambiente não foi prioritário, foi um gueto dentro de governo com um orçamento insignificante, pouco mais de 1/2 do orçamento federal. Além disso, o governo nem sequer percebeu que precisaria ter uma estratégia para essa área, porque hoje no mundo, está ficando evidente a escassez de recursos e serviços naturais. Um país que tem a biodiversidade que o Brasil tem, os recursos hídricos, a insolação o ano todo, enfim, com a riqueza que o País tem, deveria haver uma estratégia que colocasse esse fator escasso no mundo numa posição privilegiada como base de políticas. Entretanto, essa estratégia não existe.

***IHU On-Line* - Qual a sua visão sobre a utilização de transgênicos no País?**

Washington Novaes - Penso que deveria vigorar o princípio da precaução. É preciso saber antecipadamente quais são as conseqüências ambientais e epidemiológicas para a saúde da utilização destes transgênicos. Isso foi derrotado no projeto que foi para o Congresso. O Ministério da Saúde e do Meio Ambiente perderam o direito de exigir isso previamente. Há muitos estudos no mundo, mostrando várias questões. Por exemplo, existe um estudo do governo inglês que foi feito com a canola, a beterraba e o milho. Só o milho não contaminou plantações vizinhas. O governo inglês se dispôs a liberar a plantação de milho transgênico se os produtores de sementes e os plantadores assumissem por escrito o risco em relação a eventuais danos que pudessem acontecer e seguissem regras estabelecidas pelo governo. Eles se recusaram. Na Bélgica, os produtores também não

aceitaram esse compromisso. A União Européia continua mantendo restrições a esses transgênicos. Nos Estados Unidos, há vários estudos, mostrando que a produtividade dos transgênicos é inferior. São muitas as razões fora o fato de que nesse sistema, o produtor fica dependente da empresa produtora de transgênicos. Ele tem que comprar a semente todo ano. Ele não pode usar a sua própria produção para gerar semente.

***IHU On-Line* - Como a teoria de Gaia poderia chegar aos governantes? O senhor poderia dar uma explicação sobre esta teoria?**

Washington Novaes - A Teoria de Gaia que foi formulada por James Lovelock fala que o Planeta é um organismo vivo em que tudo está relacionado com tudo. Não há nada que seja isolado. Tudo que está no meio físico depende de tudo, inclusive os seres humanos. O nosso corpo é formado de água e minérios. Nós respiramos ar, nos alimentamos de outros seres vivos. O que acontecer no meio físico acontecerá também no nosso organismo. Mais recentemente o James Lovelock, disse que os danos que o Planeta já está sofrendo em função de mudanças climáticas são irreversíveis e serão maiores. A única forma de deter isso seria utilizar a energia nuclear para substituir as outras fontes como o petróleo, gás e o carvão, porque para fazer isso por outro caminho levaria muito tempo e o resultado não daria certo. É uma posição. Ele está sendo muito criticado por ela. Eu mesmo não estou de acordo com essa idéia. Entretanto, tudo o que o ser humano faz tem impactos sobre o meio físico, e se é assim, em todas as políticas públicas, e em todos os empreendimentos privados, esses impactos deveriam ser calculados previamente para saber se vale à pena correr o risco desses impactos no meio ambiente. E saber quem vai arcar com esses custos que eles vão produzir. Quando não se faz isso quem paga o preço é a sociedade enquanto algumas poucas pessoas se beneficiam do projeto

específico. Não se trata apenas de proteger o meio ambiente, não é isso. São vários estudos sérios mostrando que nós já ultrapassamos os limites de segurança, seja na área de mudanças climáticas ou padrões de produção e

de consumo. Nós estamos consumindo mais do que a biosfera terrestre pode repor. Caminhamos para a falência. Mudanças climáticas são um problema já presente e em andamento.

“Estamos consumindo a Terra”

ENTREVISTA COM PASCAL ACOT

Publicamos uma reportagem do jornal italiano Repubblica, 25-10-2006, e uma entrevista com Pascal Acot, pesquisador do CNRS de Paris e autor de livros sobre a história da ecologia. Segundo ele, o impacto do petróleo e do carvão sobre mudanças climáticas é evidente e nos constrangerá a buscar fontes alternativas. Leia a reportagem e a entrevista.

Em questões da natureza, como em economia, as contas devem andar equilibradas: só é possível endividar-se em condições de restituir. Ao utilizar os recursos da Terra, esta regra elementar foi negligenciada: retiramos mais água, mais minerais, mais árvores, mais peixes do que a quantidade que os ecossistemas podem produzir, ou seja, estamos comendo nosso capital, devoramos o ambiente com uma velocidade tal que terminamos com muitas das belezas que nos circundam.

Por 2050, esta voracidade terá atingido o seu acme; para sobreviver, necessitaremos de dois planetas, porque a riqueza do nosso bastará apenas para a metade da humanidade. É esta a previsão contida em *Living Planet Report 2006*, o último relatório do WWF. Um estudo que analisa com frieza contábil o andamento dos bens naturais, sem os quais os seres humanos não estão em condições de sobreviver. A pressão da humanidade pode ser imaginada como uma pegada ecológica, um sinal que no início era quase invisível e que hoje está gravado a fogo no avanço dos desertos, no derretimento das geleiras, no desaparecimento de boa parte dos 5 a 10 milhões de espécies com que compartilhamos o Planeta.

Em 2003, a pegada ecológica, isto é, o espaço requerido para as pastagens, as florestas, os lagos, as cidades necessárias para satisfazer a demanda de bens e serviços, era de 2,2 hectares por pessoa, enquanto a biocapacidade, isto é, a oferta do Planeta de recursos renováveis, era de 1,8 hectares por pessoa. Cobrir esta diferença de imediato é fácil, como ir ao banco e solicitar dinheiro emprestado, pelo menos até o limite que concedem.

Quando se começaram a fazer os cálculos da pegada ecológica - em 1987 - descobriu-se que o vermelho era modesto. Como se durante todo o ano conseguíssemos equilibrar as contas e somente em 19 de dezembro, encontrando-nos a zero, fôssemos obrigados a endividar-nos para as festas natalinas. Em 1995, a data em que a humanidade andava no vermelho se adiantara para 21 de novembro. Ao soar o ano 2000, encontramos-nos no aperto já em primeiro de novembro. E, neste ano, esgotamos os recursos renováveis no dia 9 de outubro. Em torno de 2050, seremos obrigados a solicitar um empréstimo no dia 1º de janeiro.

O problema é que um empréstimo deste tamanho não está disponível. Pelo contrário, os recursos naturais a obter diminuem ano após ano e por isso se

torna sempre mais dispendioso arrancar o ferro, a água, o cobre e os cereais necessários para manter um duplo crescimento vertiginoso: aumenta o número dos seres humanos (se estabilizará em torno de 9 bilhões no decurso do século) e aumenta o consumo per capita (como mostra a explosão chinesa).

A amplitude do colapso dos ecossistemas, - o banco no qual até agora tomamos emprestado, - se deu pelo desaparecimento das espécies vivas, engolidas pelo abismo em que acaba o seu habitat: as florestas pluviais, os mangues, as pradarias desfeitas para dar espaço à esfera do homem. O processo cresce a um ritmo tal que impele muitos biólogos a falarem de sexta extinção em massa, a primeira causada pelos seres humanos.

Estamos eliminando a vida em um ritmo que é aproximadamente de um por cento ao ano: entre 1970 e 2003, o índice das populações de vertebrados, que compreende 1.3.13 espécies, caiu 30 por cento. E a bolsa da biodiversidade viaja em direção fixa: para baixo.

Eis a entrevista com o ecologista Acot:

“A idéia da pegada ecológica para calcular os consumos individuais é interessante, mas não basta. Não podemos limitar-nos a convidar os cidadãos a economizar luz e a reciclar a água das duchas: pode até ser contraproducente pensar que tudo depende das decisões individuais. Eu entendo que o responsável principal da destruição da natureza esteja individuado em escolhas políticas que envolvem a coletividade”.

Pascal Acot, pesquisador do CNRS (Centro Nacional da Pesquisa Científica) e autor de livros sobre a história da ecologia, comenta de maneira crítica o Living Planet Report.

Do estudo do WWF não emerge uma responsabilidade indistinta. Antes, do cálculo da pegada ecológica se deduzem diferenças ligadas às escolhas dos vários

países: um habitante dos Estados Unidos necessita de 9,5 hectares, um grego de 5, um italiano de 4, um da Somália de meio hectare.

“Por certo, uma leitura desagregada é mais útil do que uma visão que faz do homem, interpretado numa abstração anti-histórica, o responsável pela devastação da natureza. É preciso conseguir individuar os mecanismos econômicos concretos que nos arrastam para uma situação sempre mais insustentável”.

Por exemplo?

“O sistema energético baseado em combustíveis fósseis. Atualmente não há mais dúvidas sobre a influência antrópica no processo de mudança climático e esta influência se dá principalmente pelo consumo de petróleo, carvão, metano. É um quadro dramaticamente claro ante o qual golpeia a inércia do sistema político que continua não adotando as medidas necessárias para mudar este modelo suicida: relançar a eficiência energética e os renováveis, deslocar o tráfego sobre as linhas férreas e o da navegação, construir edifícios mais inteligentes”.

Não pensa que também milhões de pequenos gestos cotidianos errados dêem uma contribuição negativa importante?

“De acordo, mas se queremos falar de comportamentos individuais, nem todos os erros têm o mesmo peso. É certamente correto sugerir que se use o carro o menos possível, mas é preciso encontrar um modo mais eficaz para bloquear crimes como a poluição jogada no mar das cisternas dos petroleiros, um ato gravíssimo e cotidiano que envenena os oceanos”.

Teologia Pública

O desafio da conquista da cidadania acadêmica da teologia

ENTREVISTA COM WALTER SALLES

Walter Ferreira Salles possui graduação em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, graduação em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, mestrado em Teologia pelo Instituto Superior de Filosofia e Teologia da Companhia de Jesus e doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Atualmente é professor temporário da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Tem experiência na área de teologia, atuando principalmente nos temas: teologia, religião e hermenêutica. Na entrevista que segue, concedida por e-mail para a revista IHU On-Line, ele fala sobre os desafios e perspectivas da teologia hoje e afirma que “a teologia vive um momento singular no atual contexto brasileiro”.

IHU On-Line - Quais as perspectivas e desafios que podemos apontar para uma relevância pública da teologia na universidade e na sociedade?

Walter Salles - No que diz respeito ao Brasil, acredito que, a partir do reconhecimento oficial por parte do Ministério da Educação (MEC) em 1999, a teologia se vê desafiada a conquistar de fato a sua cidadania acadêmica. O reconhecimento oficial das autoridades brasileiras não significa necessariamente a sua aceitação de fato como saber que possui espaço no universo acadêmico e tampouco expressividade social, por parte das diversas formas de saber que compõem o cenário acadêmico. O espaço da teologia na universidade está por ser conquistado, o reconhecimento do MEC não é de modo algum um ponto de chegada, é na verdade, a meu ver, o início de um longo caminho, talvez árduo, até a conquista de uma cidadania acadêmica e relevância social. Dentre tantos desafios que se apresentam à teologia, é possível destacar a necessidade de construir-se um discurso que seja audível para além dos muros da Igreja, ou seja, mostrar que o exercício da teologia não

se restringe à formação de padres e pastores, no caso da teologia cristã. Além disso, é importante lembrar que a pergunta pelo lugar da teologia na universidade não é um mero artifício retórico, uma vez que a resposta a esta questão acaba configurando a maneira de conceber a reflexão teológica e igualmente porque o problema da alocação da teologia na universidade não é físico, mas epistemológico: que maneira de fazer teologia na universidade? Seja como for, não se pode negar que a teologia vive um momento singular no atual contexto brasileiro.

IHU On-Line - Hoje se fala muito da necessidade de a teologia assumir o diálogo em várias perspectivas: com a cultura, com as ciências, com as religiões, com a sociedade. Isso não seria algo constitutivo do fazer teológico?

Walter Salles - Certamente. Infelizmente, ao longo de séculos de história que caracterizam a tradição teológica, pouco a pouco o exercício da teologia foi se confinando e sendo confinado aos limites do

estritamente eclesial, a tal ponto que, no Brasil, tornou-se lugar comum associar o estudo da teologia à formação de padres e de pastores. Todavia, a teologia como discurso sobre a maneira de o ser humano falar de Deus e de se comportar diante dele, deve estar aberta à perspectiva do diálogo com tudo aquilo que diz respeito ao ser humano, o que inclui o diálogo com a cultura, a sociedade, as religiões e as ciências. Isso é o que para mim significa dizer que o discurso da teologia deve ecoar para além dos muros das igrejas cristãs.

IHU On-Line - Quais as possibilidades e as dificuldades do diálogo entre teologia e ciência no atual contexto do mundo acadêmico? Até que ponto é possível o diálogo entre teologia e outras ciências?

Walter Salles - De modo geral, a relação entre a chamada ciência moderna empírico-formal e a teologia evoca automaticamente a história de um longo conflito, presente ainda hoje em boa parte das universidades brasileiras. Para muitas pessoas, imbuídas de uma mentalidade de corte positivista, fora dos paradigmas da ciência moderna reina a fantasia, o irreal, o irracional, o não-objetivo. Para este tipo de mentalidade, o discurso teológico não possui consistência por carecer de uma base empírica, eliminando consequentemente da teologia a razoabilidade de seu discurso e a possibilidade de apreensão da realidade. Por isso, talvez, o passo inicial para estabelecer-se um diálogo entre teologia e ciência no mundo acadêmico passe por uma reinterpretção do conceito mesmo de ciência e uma ampliação do conceito de razão, a fim de não nos tornarmos cativos de uma visão racionalista típica do pensamento moderno. Afinal, não obstante o valor de todas as dimensões da racionalidade moderna, não parece mais ser razoável a idéia de que qualquer forma de saber que não seja capaz de observar, medir e quantificar o seu objeto de estudo não possa ser qualificada como ciência. Ou ainda que o discurso da

chamada ciência experimental seja o único método capaz de aproximar-se da realidade em detrimento de outros discursos (poesia, mito, crenças...), que são freqüentemente reduzidos à insensatez, à falta de sentido. É preciso pensar a realidade para além da razão (moderna), porém jamais contra ela e nunca sem ela. O diálogo entre teologia e ciência não é somente possível como necessário na busca da compreensão do ser humano e de seu mundo.

IHU On-Line - Que aproximações e distinções precisam ser guardadas entre teologia e outros estudos da religião, considerando a especificidade epistemológica de cada área de construção do conhecimento?

Walter Salles - No que diz respeito à aproximação entre a teologia e as outras formas de saber, estou convencido de que o postulado hermenêutico é um dos principais fundamentos da pesquisa científica, ou seja, a ciência passa a ser vista como um ato construtivo de interpretação da realidade. Nesta construção, o ato de pesquisar surge como um ato interpretativo subordinado a determinado contexto e que atende a interesses particulares, colocando-se em oposição à centralidade outrora concedida à mediação empírica, ao dogma da objetividade e à pressuposição da neutralidade do pesquisador na análise de seu objeto de estudo, como referenciais absolutos. No tocante à distinção, acredito que o lócus hermenêutico de quem se dedica ao estudo da religião não indica rigor ou falta de rigor científico, mas somente esclarece desde onde se interpreta a realidade. Além disso, é preciso lembrar que o discurso teológico interpreta a religião por meio de uma linguagem distinta da empírico-formal ou positivista e que nem por isso falseia a realidade. Na verdade, a teologia interpreta a realidade por meio de uma linguagem metafórica e simbólica, e com base em uma forma narrativa de discurso.

IHU On-Line - Quais as contribuições específicas da teologia para os estudos das religiões tendo em vista o diálogo inter-religioso?

Walter Salles - Do ponto de vista da Teologia cristã, é de suma importância entender o estudo teológico da religião como uma aproximação hermenêutica que leve em conta a historicidade e a relatividade da verdade religiosa (mesmo da verdade revelada), bem como a historicidade do intérprete da religião. Nesta perspectiva, o trabalho teológico referente ao estudo da religião é um empreendimento hermenêutico que interpreta os textos da tradição da fé sempre em diálogo com as questões que emergem do contexto histórico no qual estamos inseridos. Por isso, uma hermenêutica teológica do pluralismo religioso deve ter como preocupação primeira ajudar o fiel a melhor compreender a sua fé, a sua experiência religiosa, fazendo-a ser um processo de humanização, de amadurecimento humano, ajudando a iluminar nossas inquietações existenciais. Hoje, o pluralismo religioso aponta para um significativo deslocamento teológico, desde que se busque um discurso teológico que considere o valor positivo da historicidade das religiões no que diz respeito à sua relação com o Transcendente. Uma Teologia cristã do pluralismo religioso tem como desafio a valorização das outras tradições religiosas em sua diferença irreduzível, pensar o pluralismo religioso como algo querido por Deus. Em outras palavras, considerar este pluralismo não como uma cegueira culpável do ser humano, tampouco como um fracasso da missão da Igreja, mas como uma realidade que misteriosamente faz parte dos desígnios de Deus. Hoje, num mundo globalizado, mais do que nunca, o reconhecimento

teológico do valor da diversidade religiosa coloca obrigatoriamente a pergunta pelo lugar das religiões no projeto salvífico de Deus.

IHU On-Line - Em seu artigo O estudo teológico da religião: uma aproximação hermenêutica, o senhor dá a entender que a antropologia é o caminho que a teologia precisa percorrer para abrir-se mais ao diálogo com as outras ciências. Não seria reduzir a teologia a uma antropologia?

Walter Salles - Esta é uma crítica feita à teologia, desde o momento em que se passou a falar de um giro antropológico no exercício de determinada prática teológica. O perigo existe, é verdade. Mas quando digo que a antropologia é o lugar de toda a teologia, penso, sobretudo, na antropologia como lugar epistemológico da teologia, ou seja, na possibilidade de se produzir uma linguagem audível ao ser humano, marcado pela experiência da modernidade e igualmente da pós-modernidade. Trata-se de fazer teologia das experiências humanas de Deus, ou seja, do que o ser humano diz de Deus e da maneira como se comporta diante dele. Por isso, entendo que uma teologia de orientação antropológica seja uma interpretação da linguagem da fé e da existência cristã. Todavia, diferentemente do giro antropológico próprio da modernidade que conduz frequentemente ao fechamento sobre a própria subjetividade, ao esquecimento do outro, e mais amiúde à rejeição do outro, o antropocentrismo teológico deve ser visto como uma abertura ao outro e ao seu mundo. Esta experiência da alteridade que nos interpela já é em si mesma a experiência de uma alteridade mais radical, absoluta, que a fé cristã nomeia Deus.

Filme da semana

Crônica de uma fuga

Ficha Técnica:

Nome: Crônica de uma Fuga

Nome original: Crónica de una fuga

Cor filmagem: colorida

Origem: Argentina

Ano produção: 2006

Gênero: drama

Duração: 103 min

Classificação: livre

Sinopse: Buenos Aires, 1977, Cláudio (Rodrigo de La Serna) é seqüestrado por um grupo a mando do governo militar. Levado a uma casa isolada, ele encontra uma série de jovens na mesma situação. Após um tempo de cativo e tortura, ele e outros rapazes planejam uma fuga. Filme exibido em competição no Festival de Cannes 2006.

O comentário que segue é de Alysson Oliveira e publicado no www.cineweb.com.br, em 6-10-2006.

As ditaduras militares deixaram feridas políticas, econômicas e emocionais com as quais os latinos tentam lidar até hoje. Nos últimos anos, o cinema tem sido uma das principais formas usadas para catarse desse trauma. O argentino *Crônica de uma Fuga* pode ganhar o título de um dos exemplares mais densos sobre o tema. Depois de filmes sérios, mas com um tom mais intimista (como *Kamchatka* e *Machuca*), chega esse drama doloroso e visceral sobre um grupo de jovens presos e torturados pelo regime.

Baseado numa história real, o longa usa um drama pessoal para retratar um problema que afetou diversos países na época dos governos militares. Baseado numa história real, o roteiro, assinado pelo diretor uruguaio Israel Adrián Caetano, mostra um grupo de jovens confinados a uma casa isolada, enquanto são torturados por agentes do governo em busca de informações.

Um deles é Claudio Tamburrini (Rodrigo De la Serna), que, embora não seja um ativista político, acaba preso e

torturado, pois tem amigos supostamente terroristas. Entretanto, seja por lealdade ou mesmo falta de envolvimento político, o rapaz não tem nada nem ninguém a entregar a seus torturadores. Como sabe que não tem muitas esperanças de ser libertado, com outros rapazes acaba planejando uma fuga, depois de mais de 100 dias de cativo.

Crônica de uma Fuga é, em sua essência, um thriller político sem medo de tocar em algumas feridas que ainda estão abertas na América Latina. Algumas cenas beiram a crueldade e, por isso mesmo, são necessárias. O elenco, em especial De la Serna, é eficiente e sua transformação emocional e física é visível ao longo do filme.

A sinceridade e competência que dominam Crônica de uma Fuga (que competiu em Cannes) é evidente. Perto dele, alguns filmes que têm o mesmo pano de fundo (como o brasileiro Zuzu Angel), mais parecem capítulos de telenovela.

Outros comentários:

Para Marcelo Janot, na página www.criticos.com.br, 13-10-2006, “mais do que uma crônica da fuga, trata-se de um estudo do comportamento humano quando submetido a tamanha violência física e psicológica, mostrando como reações individuais imprevisíveis podem ser determinantes no destino de todos. O diretor pega emprestado alguns recursos dos filmes de suspense/terror, como os súbitos movimentos de câmera e a música sombria, e em ritmo de thriller capta a atmosfera claustrofóbica de uma forma distinta daquela a que nos habituamos a ver nos filmes sobre tortura de presos políticos”.

Marcelo Hessel comenta o filme escrevendo na página www.omelete.com.br, 12-10-2006:

“O diretor uruguaio Adrián Caetano cimenta o seu manifesto contra a repressão, antes de tudo, preocupando-se em montar um suspense tenso. Iluminação baixa, vastos espaços e câmera fixa, para impor a claustrofobia. Eliminar dramatização excessiva é parte do processo (não há homens fazendo suas últimas preces ao som de violinos). Outra parte é não ter medo da realidade - se os presos eram mantido desnudos, sujos e machucados, que o elenco reproduza a situação. Claudio passa boa parte do tempo pelado, coberto de hematomas, e isso é bom avisar. Não é coisa para qualquer espectador.

Da relação de sobrevivência entre Claudio e os presos vêm a força conceitual do filme. Eles não tentam escapar em nome de uma "causa". Não lutam para derrotar o regime. Não pregam suas idéias ao demais. Querem apenas retomar suas existências. Não são seres apolíticos, de maneira alguma. Mas o fato de não abraçarem bandeiras é o que permite expor as suas fragilidades, é o que torna a tortura tão dolorosamente verdadeira. Ver que Claudio de uma hora para a outra passa a recorrer a Deus é um desses exemplos do que pode acontecer a uma pessoa normal em momento de ruína. Questionar a ideologia do protagonista é algo que jamais ocorreria num filme político de panfleto.

Não há cena mais latente desse humanismo do que o reencontro com a grávida. É uma sacada.”

Destaques On-line

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS PRODUZIDAS PELO SÍTIO DO IHU

Essa editoria veicula entrevistas exclusivas publicadas no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), durante a última semana. Aqui, apresentamos a lista completa de todas, que podem ser conferidas, na íntegra, nas Notícias Diárias do sítio, na data correspondente.

Título: O trabalho indígena nos canaviais do Mato Grosso do Sul.

Entrevistado: Maucir Pauletti

Entrevista: O IHU On-Line fez uma entrevista com o professor e coordenador do Curso de Direito da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Maucir Pauletti. Ele falou de como são as [condições de trabalho](#) encontradas pelos [índios guaranis](#) no estado do MS. Confira na íntegra nas Notícias Diárias da página do IHU no dia 24-10-2006.

Título: “O Brasil está vivendo uma crise de projeto. Uma crise de destino”.

Entrevistado: João Pedro Stédile

Entrevista: João Pedro Stédile analisou em entrevista à IHU On-Line o cenário político brasileiro antes do segundo turno eleitoral. Ele falou também sobre reforma agrária, movimentos sociais, esquerda brasileira e a polarização entre Luís Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin. Confira na íntegra nas Notícias Diárias da página do IHU no dia 25-10-2006.

Título: Soja orgânica versus soja transgênica.

Entrevistado: Antônio Inácio Andrioli

Entrevista: Antônio Inácio Andrioli, Mestre em Educação pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí) e Doutor em Ciências Econômicas e Sociais pela Universidade de Osnabrück/Alemanha, analisou em entrevista à IHU On-Line cultivo da soja transgênica e orgânica, o empobrecimento e o endividamento dos pequenos agricultores com a soja transgênica e a alternativa agroecologia. Confira na íntegra nas Notícias Diárias da página do IHU no dia 27-10-2006.

Título: A rebelião de Oaxaca. O México dos pobres contra o México dos ricos.

Entrevistada: Martha Nélida

Entrevista: A socióloga, poeta, escritora Martha Nélida Ruiz Uribe falou em entrevista à IHU On-Line sobre a sociedade mexicana, eleições, o jovem mexicano e a relação entre Estados Unidos e México “Hoje, existe na internet um jogo de matar mexicanos, que é um vídeo game com o qual as crianças norte-americanas brincam. Nesse jogo aparece a fronteira e como se pode atravessá-la: nadando ou cruzando a montanha. Confira na íntegra nas Notícias Diárias da página do IHU no dia 30-10-2006.

Frases da Semana

Os pobres

"Continuaremos governar o Brasil para todos, mas dando preferência aos mais pobres" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *Estado de S. Paulo*, 30-10-2006.

"Reivindiquem o que quiserem, tudo o que quiserem. Mas só vamos dar o que for possível" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *G1*, 30-10-2006.

Lula reeleito

"A questão maior agora é se Lula será um ator à altura do cenário que ele, talvez instintivamente, ajudou a criar com sua sagacidade no segundo turno" - **Flávio Aguiar**, editor-chefe da *Carta Maior* - 30-10-2006.

"O poder subiu na cabeça de alguns líderes do PT" - **Frei Betto**, ex-assessor de Lula - *Clarín*, 30-10-2006.

"A política econômica se mantém conservadora, neoliberal. Mas são positivas as políticas sociais, externa, energética, educação e a repressão aos crimes de colarinho branco" - **Frei Betto**, ex-assessor de Lula - *Clarín*, 30-10-2006.

"A coisa (reforma agrária) é feita tão aos pouquinhos que parece que a reforma agrária é muito mais na esperança de que o pessoal do campo morra, sem precisar de reforma, do que realmente fazer uma para que eles vivam" - **Antonio Celso de Queirós**, vice-presidente da CNBB - *Folha de S. Paulo*, 27-10-2006.

Lula e a família Sarney

"Getúlio Vargas foi levado à morte, Juscelino Kubitschek quase foi escorraçado, João Goulart foi

banido. Pois bem, eles [a elite] começaram a fazer o mesmo comigo. Não fizeram porque eu tive gente, que eu nem tinha muita amizade, mas que na hora do pega-pra-capar estava do meu lado, que é a nossa querida senadora Roseana Sarney, além da lealdade do senador [José] Sarney, com a experiência dele de presidente. Essas coisas a gente não se esquece", disse o petista, que se referiu à pefelista como "querida companheira Roseana" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *Folha de S. Paulo*, 25-10-2006.

"Quem votar em mim, por favor, por favor, vote na Roseana Sarney para governadora do Estado" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *Folha de S. Paulo*, 25-10-2006.

"Votei no senhor em 2002, no primeiro e no segundo turnos. Agora, nas eleições de 2006, votei novamente no Lula no primeiro turno e, apesar de todas as pressões do meu partido, continuo a votar no Lula, porque sou uma mulher firme e decidida e sei que o Lula é melhor para o Brasil, é melhor para o Nordeste e é melhor para o Maranhão" - **Roseana Sarney**, candidata do PFL ao governo do Maranhão - *Folha de S. Paulo*, 25-10-2006.

"O Sarney falou tanto que era do Amapá que o povo do Maranhão acabou acreditando" - piada de um peemedebista sobre a derrota de Roseana - *Folha de S. Paulo*, 30-10-2006.

Surra espetacular

"Que surra espetacular levou o PFL, levado à lona no primeiro turno e nocauteado no segundo turno" - **Janio de Freitas**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 30-10-2006.

“Bornhausen disse que gostaria de acabar com a raça do PT, mas pelo jeito eles esqueceram de procriar, porque o PFL foi praticamente extinto” - **Doutor Rosinha**, deputado federal - PT-PR - *Folha de S. Paulo*, 30-10-2006.

Será?

“O brasileiro gosta do Estado” - **Armínio Fraga**, ex-presidente do Banco Central - *Valor*, 24-10-2006.

“Espero que na hora H o próximo presidente perceba que privatizar certas atividades poderá trazer ganhos sociais. Um exemplo são os setores de água e saneamento” - **Armínio Fraga**, ex-presidente do Banco Central - *Valor*, 24-10-2006.

“Com qualquer presidente, Brasil terá de cortar gastos” - **Lisa Schineller**, diretora da Standard & Poor´s - *Estado de S. Paulo*, 25-10-2006.

“A reforma da Previdência será central para que o próximo governo brasileiro, independentemente de quem seja eleito, reduza a rigidez fiscal do País” - **Lisa Schineller**, diretora da Standard & Poor´s - *Estado de S. Paulo*, 25-10-2006.

Escândalos

"Estou convencido de que três escândalos derrubam um governo, mas três mil escândalos, não. Vira paisagem,

outdoor em posto de gasolina" - **Arthur Virgílio Neto**, líder do PSDB no Senado - *Valor*, 24-10-2006.

2050

“Um planeta não basta. Até 2050 os recursos acabam” - relatório Living Planet Report 2006 - *Republica*, 25-10-2006.

Racismo

“O racismo é uma prática cotidiana e nefasta não só no SUS, mas em toda a comunidade médica” - **Fátima Oliveira**, clínica geral do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e especialista em saúde da população negra - *Estado de S. Paulo*, 27-10-2006.

Desenvolvimento

"Precisamos de um presidente desenvolvimentista" - capa da revista da Abinee (Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica) - *Folha de S. Paulo*, 30-10-2006.

"Precisamos colocar, a cada ano, 1,7 milhão de trabalhadores, e isso só será possível com um crescimento de 5%" - **Ruy de Salles Cunha**, presidente da Abinee - *Folha de S. Paulo*, 30-10-2006.

IHU em Revista

Eventos

E a vida continua

CINEMA E SAÚDE COLETIVA

O Ciclo Cinema e Saúde Coletiva vai discutir, no dia 7 de novembro, A onipotência do projeto de vigilância epidemiológica. Os debatedores serão a professora da Unisinos, Stela Meneghel e o psicólogo com especialização em Saúde Pública, José Eduardo Gonçalves. O filme, que servirá como pano de fundo, será, E a vida continua, de Roger Spottiswoode (1993). A IHU On-line entrevistou por e-mail Gonçalves. Atualmente, o psicólogo trabalha como aconselhador em HIV/AIDS e outras DST no Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) do Ambulatório de Dermatologia Sanitária da SES/RS. Eventualmente, presta consultoria a municípios e ao Ministério da Saúde em atividades de implantação e/ou consolidação de ações relacionadas ao HIV/AIDS. Também é voluntário no SOMOS, onde coordena um grupo de homens que fazem sexo com outros homens e que são portadores de HIV/AIDS.

IHU On-Line - Quanto o Ministério da Saúde destina de seu orçamento para o controle e prevenção da Aids?

José Eduardo Gonçalves - Não sei a quantia exata, mas é muito dinheiro, em especial as dotações para a assistência farmacêutica, em função do alto custo dos anti-retrovirais. E aí nem quero entrar na discussão de como se enfrenta o poder econômico da indústria farmacêutica. Mas seja qual for o montante atual, o importante é saber em que medida os valores orçamentários da Saúde estão cumprindo o percentual previsto na Lei. E ainda assim, mesmo que os governos, nos três âmbitos (federal, estadual e municipal) cumpram o que está determinado constitucionalmente, os quantitativos destinados a problemas específicos serão definidos pela magnitude e pelo impacto destes

problemas e pela capacidade de mobilização e pressão social na defesa dos interesses coletivos.

Impacto no imaginário

A AIDS teve um imenso impacto no imaginário e na vida concreta das pessoas, especialmente nos primeiros anos da epidemia. Durante um longo tempo, não havia alternativa terapêutica eficaz para enfrentar a infecção pelo HIV. Hoje a AIDS pode ser considerada uma infecção crônica tratável, e o Brasil tem um Programa de enfrentamento da AIDS que é considerado modelo pela OMS. A maioria dos brasileiros infectados tem assistência clínica garantida pelo SUS, bem como suporte laboratorial para exames de rotina e acesso aos medicamentos anti-retrovirais. O esforço atual é no

sentido de ampliar estes serviços e aprimorar sua qualidade.

No entanto, o impacto inicial parece que “perdeu força”. Passados 25 anos do início da epidemia, a AIDS ficou de certa forma banalizada e parece que não é mais uma preocupação social. Há um risco aumentado de novas infecções por conta de um relaxamento com as medidas de prevenção da infecção. Além de garantir recursos orçamentários para a assistência adequada, os governos devem garantir recursos para campanhas de prevenção que chamem a atenção da população para o problema. No entanto, é um tema em que êxitos definitivos são muito difíceis, pois estamos falando de comportamentos muito íntimos, associados a forças poderosas como a sexualidade e a afetividade. Alterar práticas sexuais não é fácil, exige uma profunda mudança subjetiva que, sem interlocução, apenas com o racional provocado pelas campanhas de massa, é difícil atingir. A voz oficial tende a ser distanciada da voz popular. Talvez por isso, grande parte das iniciativas de prevenção exitosas, em especial voltadas para segmentos específicos da população, tem sido desenvolvida pelas ONG/AIDS, com recursos públicos e privados. São também as ONGs/AIDS que têm garantido o devido controle social sobre as ações governamentais, participando dos Conselhos de Saúde. Ou seja, o quantitativo orçamentário para a AIDS e a qualidade de sua aplicação ante as demandas sociais vai depender tanto da vontade política dos governos quanto da capacidade de mobilização da sociedade organizada.

IHU On-Line - O que vem sendo feito pelo Gapa e quais são os maiores desafios?

José Eduardo Gonçalves - Não sou a pessoa mais adequada para falar do GAPA, neste momento. Fui um dos fundadores do Grupo e voluntário por 10 anos. Saí do GAPA por razões de trabalho. É uma organização que desenvolve um excelente trabalho em defesa dos

interesses das pessoas vivendo com HIV/AIDS. Mas atualmente sou voluntário no SOMOS - Comunicação, Saúde e Sexualidade, onde trabalho com um segmento específico do público LGBT.

O setor governamental tem reconhecido a importância de entidades como o GAPA e o SOMOS, dando suporte ao seu funcionamento. No entanto, estas entidades são expressão da capacidade de organização da sociedade e deveriam ter na própria sociedade seu suporte financeiro. Isso facilitaria muito mais autonomia diante dos setores governamentais. Embora freqüente na Europa e países da América do Norte, o trabalho voluntário financiado por filantropia não é comum na nossa cultura, seja do ponto de vista empresarial ou do público. Os governos têm mediado acesso a recursos de agentes financiadores nacionais e internacionais, por meio de projetos específicos. Como os serviços que as ONGs oferecem à população são gratuitos, não existe uma “receita” que garanta a estrutura de trabalho voluntário. Então, há um esforço cotidiano em busca de recursos para a sustentação institucional. As ONGs são fundamentais para garantir direitos sociais e sua sustentabilidade, talvez o maior desafio que enfrentam, deveria ser um encargo assumido pela sociedade como um todo.

IHU On-Line - Como a saúde retratada no cinema pode ajudar ou influenciar a humanidade?

José Eduardo Gonçalves - O cinema ou qualquer outra forma de expressão artística tem duas opções: ou se manifesta reproduzindo os valores dominantes presentes na sociedade ou produz obras que levem à reflexão sobre as circunstâncias de construção destes valores. O cinema não é uma entidade abstrata: é uma arte operada por pessoas que têm subjetividade, valores, afinidades e fazem escolhas políticas. Quanto mais reflexão o cinema produzir, quanto mais fizer tensionamentos sobre a realidade e suas contradições, mais a humanidade vai

poder entender suas condições de vida e de saúde e encontrar alternativas capazes de alterar esta realidade no sentido de reduzir ou eliminar as condições adversas.

A saúde das pessoas é determinada historicamente pelas condições sociais e políticas de vida. Se o cinema produzir este tipo de reflexão, pode ser do máximo interesse social, discutindo valores, gerando mais entendimento, mais capacidade de intervir sobre a realidade, ajudando a construir uma sociedade mais incluyente e justa, mais generosa e feliz. No entanto,

independente da perspectiva da criação cinematográfica, nós temos o dever de refletir sobre o que foi produzido. Eu diria que é mais ou menos como o nosso dever diante da leitura das notícias diárias: independente da motivação dos editores, a sociedade deve fazer a leitura crítica das notícias veiculadas, colocando-as em perspectiva. A mesma coisa se pode fazer com as obras cinematográficas: desde que se criem espaços de reflexão e debate, qualquer produção pode favorecer o desenvolvimento das relações humanas e sociais.

Valores e inquietações da juventude

ENCONTROS DE ÉTICA

Valores e inquietações da juventude leopoldense: revelações de uma pesquisa é o tema que o Pe. Hilário Dick apresentará nos Encontros de Ética da segunda-feira, 6 de novembro. A atividade, aberta a toda a comunidade acadêmica, tem entrada franca e vai das 17h30min às 19 horas, na sala 1G119 do IHU. Pe. Hilário é Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Juventude da Unisinos, ex-assessor do Setor Juventude da CNBB, co-fundador do Instituto de Pastoral de Juventude de Porto Alegre e pesquisador do Grupo Temático Juventude do IHU. Também é autor de diversos livros para a juventude, entre eles Gritos Silenciados, mas evidentes. Jovens construindo juventude na história. São Paulo: Loyola. Confira abaixo a entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

IHU On-Line - Por que a questão da juventude ganhou mais visibilidade agora? O jovem está de fato interessado em discutir os próprios problemas?

Hilário Dick - A maior visibilidade nasce de vários fatores: A) Vivemos numa “onda juvenil”. Ao mesmo tempo em que estamos diante de um segmento demograficamente em alta, todos querem “ser jovens”. Assim como há os que sonham ser adolescentes... Em busca do tempo perdido. B) Os jovens são vistos porque seus gritos não podem ser mais abafados (apesar de todos os esforços). Os jovens sempre estavam aí com sua

energia, sua beleza, seus problemas, mas o mundo dos adultos resiste a todos que competem com ele e pensa diferente dele. C) A visibilidade juvenil relaciona-se, infelizmente, com as páginas policiais, com os atos de violência e não pelas idéias que têm e defendem (do seu jeito). Os jovens são vistos porque traem os problemas que a sociedade vive, mas não querem enfrentar como problemas seus (eles são os culpados). Os jovens estão interessados, sim, em discutir os seus problemas porque “os seus problemas” são os problemas da sociedade (e não tem a humildade de reconhecer) e a

juventude está “mais por dentro” do que imaginamos.

IHU On-Line - Quais são os maiores problemas enfrentados pela juventude de São Leopoldo?

Hilário Dick - Os maiores problemas não são somente de São Leopoldo. São do Brasil. São o desemprego e a violência. O jovem leopoldense (assim como o jovem em geral) vive três medos: o medo de morrer (violência), o medo de sobrar (desemprego) e o medo de estar desconectado (não estar na moda). Eles falam, também, de forma um tanto enigmática, das drogas. Para muitos, no entanto, a droga não é problema; é solução... A juventude de São Leopoldo intui em suas respostas que lhes falta (também por culpa dos adultos, educadores) eixos integradores. A escola não integra; o emprego não integra; a comunidade não integra. “Integrar” significa tornar uma atividade capaz de o jovem se “empoderar” socialmente, não somente de modo individual. Faltam atividades que integrem.

IHU On-Line - Como está, hoje, a discussão sobre políticas públicas de juventude? A sociedade já consegue reconhecer a necessidade de discutir os problemas enfrentados pela juventude, como a violência e a dificuldade em conseguir o primeiro emprego?

Hilário Dick - Esta discussão das políticas públicas de, para e com a juventude amadureceu muito, mas - além da dificuldade que há em o jovem assumir sua identidade - a sociedade dá um jeito que ela fique em água morna porque uma verdadeira política pública para qualquer sociedade deveria ser uma questão de todos e não uma solução para um segmento. A questão juvenil é uma questão de todos: sociedade, igrejas, associações, partidos. Todos estamos em jogo. Uma boa política pública de juventude significa uma mudança de todos. E o “velho” sempre teve medo da novidade. A violência não é uma questão juvenil; o primeiro emprego só é

problema para os jovens de uma sociedade que não ama a si mesma nos jovens.

IHU On-Line - Por que a violência atinge principalmente os jovens? A própria sociedade estimula a violência? Como evitar que os jovens se alistem em facções violentas? Que elementos são necessários para a construção de uma cultura de paz?

Hilário Dick - São várias perguntas. 1) A violência atinge principalmente os jovens porque, na sua busca de coerência, ainda reagem de forma rápida a toda situação de injustiça, isto é, de violência. Os adultos são mais “prudentes” e mais acomodados, tolerando coisas que não podem ser toleradas. 2) A juventude é violenta não por ela, mas pela sociedade que é violenta (luta de classe, fome, preconceito, egoísmo, corrupção, injustiças evidentes). Vivemos num sistema neoliberal violento onde o pobre já não é pobre, mas excluído. Uma coisa que sobra... Tanta coisa que os jovens não aceitam! (e que para os adultos se tornaram “normais”). 3) O jovem deseja vivências comunitárias bonitas, desafiadoras. Se elas não são oferecidas (nem construídas) ele encontra formas de viver esse “comunitário”. Uma das coisas fundamentais que deveriam preocupar toda sociedade são as vivências grupais dos jovens. 4) Uma cultura de paz não se pode dissociar de uma cultura de justiça. As duas caminham juntas ou são irreais, insignificantes, enganosas.

IHU On-Line - Como os projetos de tecnologia para a inclusão social podem contribuir? Qual a receptividade dos jovens para as atividades desenvolvidas?

Hilário Dick - Os projetos de tecnologia podem responder ao medo de sobrar e de estar desconectado, mas não resolvem se não se trabalhar, de forma pedagógica, a questão da integração do jovem. Toda atividade que vai na linha do “sair de si”, de “ser útil”, de “ter resultado” etc. Tem receptividade no jovem não

só porque o inclui na sociedade, mas também o inclui nele mesmo. A busca de autonomia, de ser sujeito de sua história, de ser protagonista, de “empoderar-se” é uma das grandes buscas que os adultos não sabem respeitar porque (no fundo) gostariam de ter pessoas submissas e não autônomas que pensem e ajam do seu jeito. Aliás, seria a melhor forma de a sociedade amar-se a si mesma.

IHU On-Line - Quais foram os impactos do Governo Lula para a vida da juventude brasileira? O que a juventude deve esperar e cobrar do próximo governo que for eleito?

Hilário Dick - Em primeiro lugar, a melhor pesquisa sobre a juventude brasileira é a do Instituto Cidadania, próximo da Secretaria Nacional da Juventude. Quem acompanha esta Secretaria pode perceber como crescemos e como não é fácil ser democrático, sem ser manipulador e autoritário. Pelas mensagens, reflexões e planejamentos que já se fazem, percebe-se o “sangue juvenil” que está em efervescência, procurando o bem de todos. Somente citando tudo que se está fazendo com relação ao primeiro emprego, ao Pró-Jovem, ao que se faz no Consórcio Social da Juventude, com a implantação de “coordenadorias” de juventude nas prefeituras

(mesmo que, por vezes, manipuladas por interesses “velhos” e “adultos”) e tantas outras iniciativas, pode-se dizer que a juventude, no Governo Lula, teve condições de começar a viver, com ela, renovada a “cidadania juvenil”. Espera-se que esse espírito seja fomentado, sem castrações ideológicas que sonham com uma juventude impedida de ser protagonista.

IHU On-Line - Por que existem mais ações do governo voltadas para a criança que para o jovem?

Hilário Dick - É mais fácil lidar com um segmento que ainda não aprendeu e não desejou ser autônomo, que pensa, reclama e manifesta-se. Também nas Igrejas verifica-se que se investe mais nas crianças porque é mais fácil, com menos incomodação e com menos exigência, fazer um mundo de coisas sem ser questionado. Imaginem as crianças reclamando contra a forma como são educadas e catequizadas... Não estou dizendo que as políticas para a infância não sejam fomentadas; estou dizendo que - de forma sempre mais pedagógica e madura - sejam fomentadas políticas que levem à juventude a ser mais feliz. Isso não se dá sem a vivência do protagonismo juvenil.

Sala de Leitura



Estou lendo a obra de Tomás Ibáñez: *Psicología Social Construcionista* (Universidade de Guadalajara, 2001). É uma seleção de escritos redigidos por Ibáñez em

diferentes ocasiões; são textos de estilo simples, porém rigorosamente fundamentados, apresentando uma argumentação vigorosa e um nítido compromisso social. Na parte inicial, Ibáñez conta pedaços de sua história de vida, menino emigrado devido ao exílio dos pais, militantes anarquistas, no final da Guerra Civil Espanhola. “Espanhol entre franceses e francês entre espanhóis”, faz uma referência que permanece atual em relação ao “não-lugar” ocupado pelo migrante. Em toda a obra, fica evidente a coerência intelectual e política de um pesquisador comprometido com a transformação da sociedade. No livro, o autor aponta o caráter provisório do conhecimento e a exigência de sua permanente desconstrução, no sentido de buscar as determinações socioculturais subjacentes e, muitas vezes, veiculadas de modo acrítico. Remete à dimensão simbólica da realidade social e ao caráter de agenciamento deste social, ou seja, o conhecimento produzido modifica a si próprio. Refuta o caráter representacional do conhecimento e explicita os pressupostos epistemológicos fundamentais para compor a agenda da psicologia social pós-positivista, a saber: o reconhecimento da natureza simbólica e histórica da realidade social; a importância da reflexividade e da capacidade de agenciamento do ser humano; o caráter dialético da realidade e, finalmente, a adequação da

perspectiva construcionista para dar conta da realidade social. A perspectiva construcionista implica omper radicalmente com a crença em uma verdade universal e aceitar que os critérios de validade que usamos, nós os construímos mediante nossas práticas coletivas.

Stela Meneghel, Prof.^a Dr.^a na Unidade Acadêmica de Ciências da Saúde da Unisinos.



Considerando o interesse que tenho em estudar as temáticas relacionadas à cultura organizacional, um dos últimos livros que li e sugiro como leitura é *Organizações Espetaculares*, de Thomas Wood Jr. (Rio de Janeiro: FGV, 2001). O livro traz à tona a discussão quanto à afirmação de que “a vida imita a arte”, ou, na verdade, “a arte imita a vida”, considerando a sociedade em que se vive. As reflexões de Wood são ilustradas com filmes clássicos do cinema, autores, escritores, peças de teatro e histórias associadas a mitos e lendas. Neste livro, Wood apresenta argumentos e estabelece associações, comprovando que as situações reais (ou irreais) das organizações contemporâneas estão se tornando, efetivamente, cinematográficas ou espetaculares.

Lisiane da Silva, Prof.^a MS na Unidade Acadêmica de Ciências Econômicas da Unisinos.

IHU Repórter

Georgina Flores Giordani

Menina de família grande, passou por grandes dificuldades na infância até chegar à universidade, primeiramente a trabalho, e depois como aluna de Educação Física. Conheça um pouco Georgina Flores, a Neca, funcionária no setor de Administração de Pessoal da Universidade.



Origens - Nasci no interior de Montenegro, e quando eu tinha três anos de idade, nos mudamos para São Leopoldo a convite de uma família muito amiga de meus pais, com quem meu pai passou a trabalhar.

Infância - Minha infância foi ótima. Tínhamos que criar os brinquedos, como perna de pau, pipas, carrinho de lomba, também jogava taco, futebol. Lembro que meu irmão mais velho, casado, fazia carrinhos e barquinhos de madeira para meus dois irmãos menores. Como era a única menina, brincava com eles. Brincávamos de esconde-esconde, e no interior não havia luz elétrica, ficando mais difícil ainda encontrar um ao outro. Com o passar do tempo, ficamos com mais responsabilidades. Aos oito ou nove anos, já tínhamos nossas tarefas diárias em casa e não podíamos deixar de fazer. Eu tinha que

pegar água no poço e deixar o fogão sempre abastecido de lenha.

Família - Família grande. Éramos 10 irmãos, mas desses, quatro não cheguei a conhecer. Perdi meu pai quando eu tinha cinco anos, e minha mãe, 11 anos. Ela faleceu em um acidente de carro, ficando nós três, os filhos menores, aos cuidados da minha irmã de 20 anos. Três meses depois, a Zely, senhora amiga da mãe (aquela que nos trouxe para São Leopoldo), foi pedir para minha irmã deixar eu morar com ela. No primeiro momento, ela não concordou. A partir de setembro de 1980, quando fui morar com minha família de criação, minha vida mudou: as notas na escola melhoraram, assim como a frequência nas aulas. Todos me tratavam como membro da família, avós, tios, primos, tanto da parte da mãe quanto a do

meu pai de criação. Infelizmente, minha alegria não durou para sempre. Minha mãe teve câncer de mama, sofremos muito. Em setembro de 1987, ela faleceu. Fiquei morando com meu pai e irmãos de criação por um ano. Depois, por ironia do destino, meu pai me mandou embora de casa. Fiquei sem um lar, sem família. Morei com um casal de amigos por três meses e depois fui morar sozinha.

Estudos - Tirei o ensino fundamental na Escola Municipal São João Batista e na Escola Visconde de São Leopoldo. E o ensino médio, no Colégio São Luís. Consegui concluir somente o primeiro ano do curso técnico em contabilidade, pois com a gravidade da doença da minha mãe, tive que parar de estudar. Retornei aos estudos somente em 1991. Prestei vestibular no segundo semestre de 1993 para o curso de Administração - Habilitação em Recursos Humanos. Troquei de curso para Educação Física e me formarei no final desse semestre. Para o ano que vem, existe a possibilidade de um novo curso de especialização voltado para a ginástica laboral. Minha torcida é grande, pois meu TCC da graduação foi sobre esse assunto.

Carreira - O trabalho que eu fazia, na época em que fui morar sozinha, era em uma empresa de filetes de sapato, na função de apontadora de produção. Mal dava para o meu sustento, água, luz, aluguel e mais nada. Em abril de 1990, fui chamada para trabalhar na Unisinos. Fiz o teste prático, a entrevista com o gerente do setor e outra com a assistente social e fui admitida. Sempre trabalhei na linha de frente do setor, atendimento ao público. Agora, após a conclusão do curso, vou procurar conciliar o trabalho aqui na Unisinos com atividades relacionadas à minha formação. Durante o curso, percebi uma afinidade muito grande com trabalhos direcionados à terceira idade.

Casamento - Sou casada há 16 anos. Temos uma filha de 9 anos, também filha do coração. Nós a adotamos com oito dias de vida. Hoje tenho minha a família.

Horas Livres - Esse semestre está complicado ter horários livres, pois faço parte da comissão de formatura. No sábado e domingo pela manhã, estou fazendo meu último estágio curricular em uma escola de canoagem, Guahyba Associação de Canoagem em Guaíba. Adoro reunir os amigos em jantares, almoços, que organizamos normalmente na Sede Campestre do Sindicato ou em casa.

Esportes - Já planejei muitas vezes voltar a fazer atividades físicas em academia, mas infelizmente o tempo está escasso. Adoro fazer *step*, dança, *jump*, vôlei, basquete e até mesmo musculação.

Férias - Férias é descanso. Não temos horário para nada. Há 12 anos, freqüentamos a mesma praia, criamos um vínculo de amizade com os vizinhos. No final da tarde, sempre sai um joguinho de vôlei, uma roda de chimarrão e um peixinho grelhado. À tarde, pego um cinema com minha filha.

Dia Perfeito - Dia tranqüilo com a família e amigos.

Autor - Gosto muito dos livros da Zibia Gasparetto, por exemplo O Jardim de Rosas. Leio também Moacyr Scliar e Paulo Coelho.

Música - Minhas colegas de trabalho dizem que a minha cara é música alegre. Eu gosto de Martinho da Vila e Jorge Aragão, ouço também Kid Abelha, Skank, Ana Carolina. Para mim, qualquer tipo de música vai bem, dependendo da ocasião.

Política - Queria que fosse diferente. Os candidatos

prometem muitas coisas e acabam não fazendo nada.

Acho que todos trabalham por causa própria.

Futuro - Quero um futuro melhor, com muita saúde para meus familiares, sem violência, discriminações, que as pessoas pudessem sair à noite com mais segurança.

Filme - Adorei A Espera de um Milagre, com o Tom Hanks. Curto filmes românticos, aventura, comédia e, claro, alguns infantis.

Unisinos - É meu segundo lar. Praticamente fico mais tempo na Unisinos do que em casa. Dou-me bem com todos. E posso dizer que sou privilegiada por conquistar amizades verdadeiras. Quanto à crise que se abate na Universidade, é geral de todo o País. É um momento de transição.

Instituto Humanitas Unisinos - O Humanitas é um ponto a favor da Unisinos. Ele só veio a acrescentar à Universidade. É único. Tem a sua identidade própria. É um diferencial.